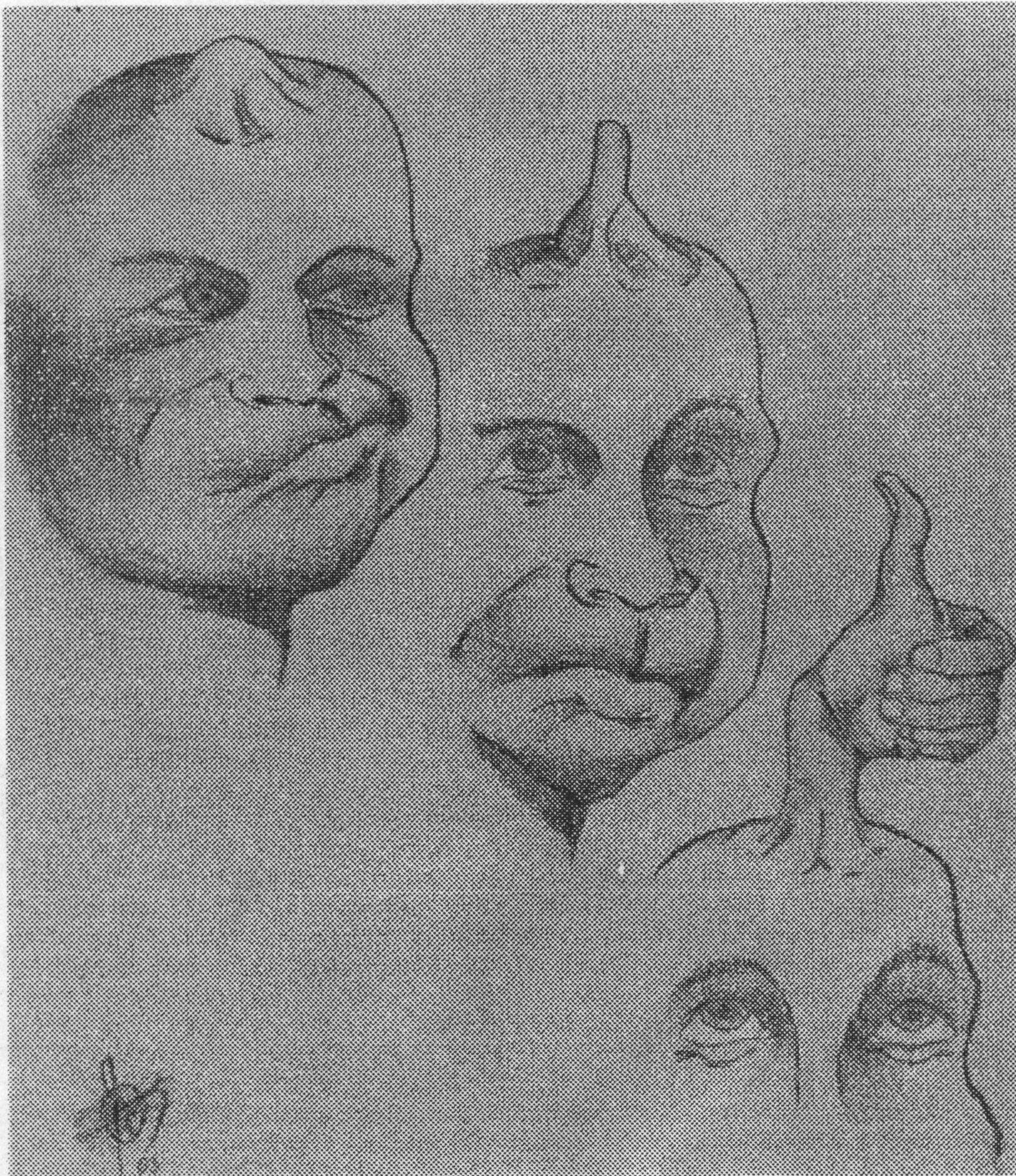


SOMNIUM

90

Publicação Oficial do
Clube de Leitores de Ficção Científica





Editorial

“A Rede” *Ataíde Tartari* 3

Artigos

“Um Clássico Moderno da FCB” *Cesar R. T. Silva* 4

Ficção

“O Quintal” *Daniela Bittencourt* 6

“Volta a Casa” *Renato A. Azevedo* 7

“Esfeluntes” *M. R. R. Olivieri* 11

“O Caminho da Verdade” *Gerson Lodi-Ribeiro* 19

Resenhas

Páginas de Sombra: Contos Fantásticos Brasileiros, Braulio Tavares, ed. Resenhado por
Marcello Simão Branco 12

Antologia Antares, Jane Teresinha Mondello de Souza, ed. Resenhado por Miguel
Carqueija 15

Uma Estranha Família: Lembranças de um Lugar do Passado, Ray Bradbury. Resenhado
por *Finisia Fideli* 18

Ilustração de capa de Artur Keppler



Esta edição vai com um agradecimento especial a Miguel Carqueija, Cesar R. T. Silva e Marcello Branco.

SOMNIUM

N.º 90 Ano XVIII

CONSELHO EDITORIAL

Alfredo Keppler · Ataíde Tartari · Matias Perazoli · Miguel Carqueija · Roberto de Sousa Causo

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ EDITORIAL: A REDE ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

Pouco importa se essas discussões acontecem na lista virtual ou em torno de uma rede de aliche: a conclusão é sempre a mesma — nenhuma — e as propostas são tão ilusórias e faraônicas quanto as do *marketing* do Duda Mendonça. Me refiro, claro, às propostas para se transformar o CLFC num clube “de verdade”, com sede própria, biblioteca, agenda de eventos, secretária e *hostess*.

O que poucos vêem — provavelmente porque ainda não souberam usufruir disso — é que o CLFC é uma rede de contatos mais eficiente que qualquer Orkut. Enquanto outros clubes aparecem na mídia e faturam uma grana gravitando em torno de franquias estrangeiras, somos nós, quietinhos no nosso canto, que fazemos os contatos mais elevados. Melhor: eles gravitam em torno de nós.

Libby Ginway, que acaba de publicar seu abrangente estudo sobre a *Brazilian Science Fiction*, é um exemplo disso. Ela entrou em nossa rede; ela *procurou* a nossa rede. Outros acadêmicos nos procuraram e têm nos procurado.

Sim, o CLFC foi antes um fã-clube que uma rede de contatos. Pelo que sei, R. C. Nascimento o criou a fim de reunir os leitores de coleções portuguesas como a *Argonauta*. Mas, como todos sabemos, toda cria ganha vida própria. E a vida que o CLFC criou para si, para nós, é gratificante. É muito bom fazer parte da Rede.

-- Ataíde Tartari

O *Somnium* é o órgão oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica (fundado em dezembro de 1985). Colaborações serão recebidas pelos seguintes endereços: Clube de Leitores de Ficção Científica - Caixa Postal 2105 - Agência Central - São Paulo-SP - CEP 01060-970 - Brasil. E-mail: clfcbr@attglobal.net.

Visite o site do CLFC em <http://www.clfc.rg3.net>.

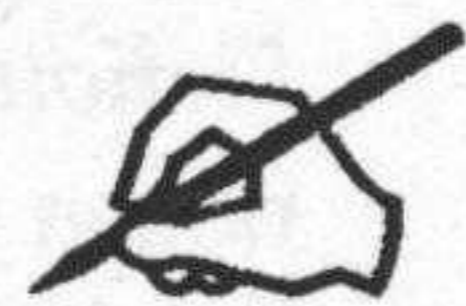
Esta edição foi terminada em novembro de 2004.

Contos, resenhas, artigos e ilustrações são bem-vindos.

UM CLÁSSICO MODERNO DA FCB

CESAR SILVA

Sócio do CLFC, Cesar R. T. Silva tem sido uma presença de peso no cenário da comunidade brasileira de ficção científica desde 1983, ano em que ele e seus amigos José Carlos Neves e Mário Dimov Mastrotti criaram o seu fanzine *Hiperespaço*. Seu amor pela ficção científica aparece nas edições amadoras, no melhor sentido, das suas *Edições Hiperespaço*, que incluem a *Nova Coleção Fantástica*, uma série de livretos contendo novelas ou contos, e mais recentemente com a não-ficção assinada por Marcello Simão Branco, *Os Mundos Abertos* de Robert Silverberg. Cesar também realiza encontros mensais de fãs na Biblioteca Municipal de Santo André, e foi, com Branco, Renato Rosatti e outros, um dos organizadores da *HorrorCons*, em São Paulo. Aqui, Cesar analisa um dos clássicos nacionais da ficção científica, escrito pelo pioneiro da FC brasileira Rubens Teixeira Scavone, também membro do Clube de Leitores de Ficção Científica.



SEMPRE HOUVE POUCO INTERESSE no ambiente dos fãs brasileiros de FC&F pelas obras mais antigas que anteciparam o gênero fantástico e lhe serviram como balizadoras. Há alguns estudiosos que se dedicam a identificar esses exemplos e eventualmente eles são resenhados ou criticados nos fanzines, mas não há de fato um interesse generalizado dos leitores por elas, seja pela informação em si, seja como indicação de leitura. Tanto que muitos preferem apegar-se ao paradigma estabelecido pela "Golden Age" da FC anglo-americana entre 1930 e 1950, e não se importar com o que veio antes. Dessa forma, perde-se uma enorme quantidade de idéias e estilos bem desenvolvidos que, por uma questão cronológica, foram abandonados no cesto de coisas a serem esquecidas.

Para nossa sorte ainda temos sobreviventes da primeira onda de FCB em ação, que tiveram outros referenciais de influência. O mais erudito deles é, sem dúvida, o veterano Rubens Teixeira Scavone, um dos pioneiros da FCB, autor do romance *O Homem que Viu o Disco-Voador* (1958), possivelmente o mais bem sucedido livro da FC brasileira, que vendeu mais de 40 mil exemplares em diversas edições, e da antologia *O Diálogo dos Mundos* (1963), entre outros trabalhos. Scavone recebeu o Jabuti em 1973 por seu romance mainstream *Clube de campo* e presidiu a Academia Paulista de Letras por dois mandatos.

Scavone é um apaixonado pela literatura inglesa e foi buscar inspiração no clássico *Contos de Canterbury* de Geoffrey Chaucer, uma obra editada há mais de 600 anos, para produzir o seu melhor livro: *O 31.º Peregrino*, publicado em 1993 pela editora Estação Liberdade, uma novela com mais ou menos 15 mil palavras distribuídas

entre as ilustrações de Giselda Leirner, em apenas 62 páginas.

Trata-se de uma história extremamente significativa em termos humanos e emocionais. Uma narrativa tocante, construída a partir de um estilo literário incomum que, através desse instrumental exclusivamente léxico, transporta-nos para seis séculos no passado com uma eficiência rara. Ainda mais porque não segue os parâmetros protocolares da FC convencional, ao contrário. As descrições são ligeiras e não há muitas explicações para situar o leitor. Toda a ambientação emana do estilo rebuscado, que lança mão de uma infinidade de palavras desusadas. Esse estilo, com um quê de barroco, pode parecer estranho ao leitor moderno, mas isso se deve a escolha de Scavone que se faz passar pelo próprio Geoffrey Chaucer.

Em *Contos de Canterbury*, Chaucer relatou as histórias de trinta peregrinos (entre eles, o próprio) a caminho da Catedral de Canterbury, ao sul de Londres, onde o santificado Arcebispo Becket foi imolado pelos cavaleiros de Henrique II. Cada um dos romeiros assume um arquétipo social e por ele é batizado. Por isso os personagens não têm nomes, mas classificações: o Pároco, o Padre da Freira, o Frade Mendicante, o Monge, a Priora, a Mulher de Bath, o Tecelão, o Tapeceiro e o Tintureiro (que formam uma trindade importante na narrativa de Scavone), o Mercador, o Vendedor de Indulgências, o Estudante de Oxford, o Cozinheiro, o Carpinteiro, o Magistrado, o Cavaleiro, o Escudeiro, o Moleiro, o Cônego e seu Criado, o Médico, o Provedor, o Lavrador, a Freira, o Homem do Mar, o Feitor, o Proprietário Rural, o Beleguim e o Estalajadeiro.

Scavone aproveita a narrativa para nos brindar com

considerações muito interessantes sobre o Roteiro dos Peregrinos (há um mapa da mesma na quarta capa do livro, desenhado por James Scavone) que guarda ligações com a mitologia de São Tiago e, por sua vez, remete aos primórdios de outro caminho de peregrinação, Santiago de Compostela, com uma surpreendente explicação da origem desse termo que justifica perfeitamente a releitura fantástica que Scavone dá a obra de Chaucer.

Chaucer/Scavone conta neste volume a história de um até então não citado 31.º peregrino, que se une aosromeiros a meio caminho. Trata-se da Mulher Grávida, cujo estado parece ter relação com o sobrenatural e alarma os peregrinos católicos que, naturalmente, são muito supersticiosos.

A história contada pela Mulher Grávida é, em si, uma jóia de horror, envolvida em clima gótico-medieval que remete a muitos outros clássicos de horror sobrenatural que formam o caldeirão da qual emergiram todas os gêneros fantásticos modernos.

Entretanto, *O 31.º Peregrino* é uma novela de FC. É claro que para ser classificada como FC há que se encontrar nela algum componente explícito do gênero, e ele surge à altura devida, quando a Mulher Grávida abandona o grupo durante a noite e vai encontrar-se com o seu destino, testemunhado depois pelo narrador Chaucer/Scavone. Mas isso é menos importante que os conflitos humanos que emanam das relações entre os arquétipos definidos por Chaucer e das elocubrações filosóficas, históricas e sociológicas do autor/personagem.

O 31.º Peregrino ainda guarda muitas outras qualidades. É um romance que mergulha na religião cristã e dela traz um discurso ambivalente no que se refere ao espiritualismo. Se o afirma ou o rejeita, fica ao leitor a responsabilidade por decidir.

Dessa forma, *O 31.º Peregrino* assume um posto entre os melhores livros da FCB, ao lado de *Diário da Nave Perdida* de André Carneiro e *A Hora dos Ruminantes* de José J. Veiga, e como eles, deve ser leitura obrigatória a todo aquele que aprecia a literatura fantástica brasileira e quer experimentar os seus limites.

O 31.º peregrino

Rubens Teixeira Scavone
Ilustrações de Giselda Leirner
Editora Estação Liberdade
1993 - sem ISBN

ISBNISMOS...

No *Somnium* anterior falamos do reaparecimento de *Eu, Robô*, de Isaac Asimov, graças ao filme homônimo, mas não demos o ISBN (85-00-01529-2). Também não mencionamos que a nova tradução, e um texto introdutório, são assinados por Jorge Luiz Calife, autor da coletânea de FC *hard* e de aventura, *As Sereias do Espaço* (ISBN 85-01-05923-4), lançado pela Record em 2001, com ilustrações de Cesar Lobo, e ainda disponível nas livrarias.

O escritor português António de Macedo comunica o recente lançamento do seu sétimo romance, *As Furtivas Pegadas da Serpente* (ISBN 972-21-1644-4), pela editora lisboeta Editorial Caminho. Com um total de oito livros publicados dentro do gênero, Macedo é uma das figuras mais constantes da literatura de FC em língua portuguesa.

Bento (ISBN 85-88916-54-1) é o mais novo *bestseller* de André Vianco, o mais vendido e prolífico escritor brasileiro da área da ficção sobrenatural, autor exclusivo da *Novo Século*. Vianco foi recentemente entrevistado pela *Sci-Fi News* N.º 79, e pelo fanzine *Scarium* N.º 10, além de ter sido o assunto de um artigo publicado no jornal *O Globo*.

Outro *bestseller* nacional, Orlando Paes Filho, retorna às livrarias com o segundo volume de sua saga de fantasia medieval, *Angus: O Guerreiro de Deus* (ISBN 85-89885-99-2), mas agora pela Editora Planeta, e não pela Arxjovem, selo da Siciliano que antes lançou o primeiro volume, o que reforça boatos de que Paes Filho teria tido problemas sérios com a sua primeira editora. A Planeta lança também um RPG baseado no universo criado por ele.

E por falar na conexão entre RPGs e ficção, Marcelo Cassaro, conhecido como o "Paladino" da revista *Dragão Brasil*, e ganhador do Prêmio Nova de Melhor Livro Nacional em 1995 com o romance *Espada da Galáxia*, publicou pela Daemon Editora o seu segundo livro, o romance *Lua dos Dragões* (ISBN 85-87013-24-6), ambientado no mesmo universo do RPG *Tormenta*.

Flávio Medeiros Jr. é um escritor de Belo Horizonte e frequentador da lista do CFLC na Internet, que surge com o seu romance de suspense futurista, *Quintessência* (ISBN 85-98456-02-0), lançado este ano pela editora mineira Monções.

Depois de publicar há pouco tempo *Ela*, romance clássico de mundo perdido de H. Rider Haggard, a Editora Record insiste com *Ayesha: A Volta de Ela* (ISBN 85-01-0697306), do mesmo autor. *Ela* é de 1886, e foi influente entre autores brasileiros do começo do século XX. *Ayesha* é de 1905.

O fantástico literário também deu uma olhada no século XIX com *Contos Fantásticos do Século XIX* (ISBN 85-359-0502-2), antologia organizada por Ítalo Calvino, importante escritor italiano. Essa edição da Companhia das Letras foi um *bestseller* instantâneo, e agrupa dois volumes originais italianos. Parece que depois do sucesso de *O Senhor dos Anéis*, o brasileiro se habituou a ler "livrões", apesar do preço.

Quem acha que não vale a pena pode, por outro lado, procurar a mais acessível *Histórias Fantásticas* (ISBN 85-08-08567-2), antologia da Ática, destinada ao público jovem, mas com textos de Poe, Maupassant, Kafka, Dickens, Rubião e Scliar. A organização é do falecido José Paulo Paes.

O QUINTAL

DANIELA BITTENCOURT

Há alguns anos, Daniela Bittencourt foi uma das figuras centrais do CLFC, mas teve de se afastar por algum tempo, por razões profissionais. Está retornando agora, de modo que este conto sobre o único observador de um terrível fenômeno, é a nossa oportunidade de lhe dar as boas-vindas.



O quintal era o local mais adequado para realizar as suas fantasias. Ali ele podia observar diretamente as duas luas de Sel, e rezar para que ninguém o interrompesse. Não era muito longe da casa, portanto em caso de perigo era só correr de volta. Se bem que já fazia um bom tempo que nenhum animal se aventurava por ali — já estavam na terceira geração de colonos e a natureza aprende rápido.

Numo era filho de uma tríade, isso não era muito comum, mas acontecia. Normalmente, as famílias eram começadas com dois casais, mas seus pais não eram lá muito convencionais, e não havia mais nenhuma fêmea que quisesse se juntar a eles. A genética permitia, mas cobrava seu preço: Numo não tinha ouvidos nem nada que se pudesse chamar de boca, mas de resto era perfeitamente normal. Só que, ao contrário das outras crianças, gostava de olhar, o que assustava muita gente. Os selitas confiavam somente na audição e no tato, e usavam raramente a visão. Bem cedo, Numo havia aprendido que essa mania de ficar parado olhando para o céu era muito estranha para os demais. Era melhor exercitá-la num lugar isolado.

Aquela noite estava silenciosa, até mesmo para a audição extremamente apurada dos selitas. Logicamente, Numo não sabia disso. Deitou-se no chão e ficou parado, degustando sua porção de naques, uma iguaria agridoce feita de uma erva local. E olhou, olhou, olhou, sem piscar (como se o pudesse), para as luas acima.

Foi o único que viu a explosão. Quando passou, Numo estava só. O som fora alto demais para os outros, e os que sobreviveram duraram bem pouco tempo. Sel tinha somente uma lua agora, e não havia mais ninguém para se incomodar com seu passatempo.

Ele deixou o quintal, passou pela casa e não se deu ao trabalho de entrar para ver o que tinha acontecido lá dentro. Saiu pelo portão desviando dos corpos dos vizinhos, e caminhou decidido até a praça central.

Sentou no colo da estátua do fundador e ficou olhando para cima. A nuvem de poeira levaria anos para se dissipar, mas ele não tinha pressa. Podia ficar olhando o quanto quisesse agora.

“Atualmente eu gasto muito tempo com revisões. Não quero uma janela suja na frente dos meus leitores, quando eles se depararem com a prosa. Gostaria que conseguissem ver através dela, até a substância, ao invés de ter o estilo bloqueando-a. Quando eu era um escritor jovem, pensava ser um estilista infernal, mas um bocado daquilo era apenas jogar palavras de um lugar para o outro. Isso eu aprendi.”

— Michael Bishop.

VOLTA A CASA

RENATO A. AZEVEDO

O autor é colunista membro da revista Scifi News e membro do Conselho Editorial da revista Ufo,. Seus primeiros escritos estão sob a forma de um e-book, Contato em Metháron e sequências, pela www.hotbook.com.br. O seu blog disponibiliza mais textos de sua autoria, em <http://escritorcomr.blog.uol.com.br>.

Azevedo participa da lista aberta do CLFC na Internet, e esta sua primeira colaboração ao Somnium revisita uma idéia que têm sido vista na ficção científica internacional, desde que o ser humano realizou a sua primeira intervenção para fora dos limites do Sistema Solar.



A *Explorer 4692* havia emergido do hiperespaço há tempos, estando agora a menos de um ano-luz do destino. Era uma nave da classe *Exploradora* cuja tripulação havia contribuído decisivamente para a obtenção de importantes informações do Aglomerado Estelar 30, situado a quase cem anos-luz da borda da Via Láctea. Tão satisfeitos haviam ficado seus chefes, que eles haviam sido convidados a uma recepção no planeta natal de sua espécie, a Terra.

Maria Nikolavna comandava a nave, e ao seu lado o navegador Ashlon já iniciava o procedimento para a última etapa da viagem. O vejaniano piscou seus enormes olhos verdes, e seu rosto magro e ossudo não revelava a expectativa pelo final de sua jornada. Mesmo sendo de espécie diferente, sabia que o lendário planeta havia se tornado um local de congregar das várias raças que habitavam este setor da Galáxia, motivo por que ele e os outros alienígenas a bordo também esperavam com ansiedade o pouso.

A nave fazia a difícil travessia da Nuvem de Oort, um colossal conjunto de objetos em órbita nos limites do Sistema Solar, composto de milhões de corpos. Às vezes, um deles acabava se desgarrando e rumando em direção à distante estrela amarela, que aqueceria sua superfície congelada até que os gases formassem uma bela cauda. O cometa resultante enfeitaria o sistema por um breve momento, até desaparecer novamente nas profundezas do espaço. Maria pilotava a nave com extremo cuidado, evitando as enormes bolas-de-neve espaciais.

De repente, a porta da cabine se abriu, e Bill Kranston entrou esbaforido. A comandante achou graça de sua atitude, comentando:

– Calma, Bill, assim não terá energias para nossa chegada. O que é tão importante para que você não usasse o intercomunicador?

O especialista em sensoriamento remoto respirou fundo algumas vezes, antes de dizer:

– Achei melhor vir pessoalmente. Temos a localização de algo a menos de vinte quilômetros daqui. Suas características são diferentes de tudo que poderíamos esperar neste setor. Recomendo uma alteração de curso para investigar.

– O que pode haver de tão especial neste cinturão de cometas? – perguntou Ashlon. – Trata-se de uma formação natural, como outras idênticas em muitos outros sistemas.

Bill esperou alguns momentos antes de responder.

– O objeto detectado não deveria estar aqui, pois não se parece em nada com os cometas do cinturão. De acordo com os dados dos sensores, é um objeto artificial.

O silêncio que se seguiu só foi quebrado quando Maria usou o intercom para chamar os outros dois oficiais da *Explorer* à cabine de comando.

Os restantes vinte tripulantes seriam informados depois, como de praxe. Quando Neroon Vladfir do sistema de Barnard e Natalia Gonzales de Alpha Centauri apareceram, Bill narrou como descobriu o estranho objeto quando este emergiu detrás de um dos corpos da nuvem que atravessavam, constatado suas incomuns características, e vindo a seguir informar a comandante. Depois de um breve debate, Maria acautou a opinião unânime de que deveriam investigar. O controle de aproximação terrestre seria informado depois que descobrissem do que se tratava.

Com todos em seus lugares, os motores fotônicos foram acionados, tirando a nave da rota original. De vagar, para evitar os cometas, ou embriões de cometas, que poderiam destruir a nave de duzentos metros de comprimento, Maria foi conduzindo o veículo de acordo com as indicações de Bill. Em alguns minutos um ponto apareceu na tela do localizador de curto alcance. Manipulando o aparato, Natalia pôde enviar ondas de contorno, e logo a silhueta do objeto apareceu na tela principal.

— O que é isso? — alguém perguntou.

Nenhum dos presentes fazia a menor ideia do que era aquilo. De um corpo octogonal saíam duas extensões semelhantes a braços e uma longa vareta, e o conjunto era encaixado por algo semelhante a uma primitiva antena parabólica. A dimensão maior não chegava a dez metros, e os sensores não encontraram evidência de atividade de qualquer espécie, nem de materiais perigosos. Diante disso, Maria autorizou sua transferência para bordo.

Alguns minutos depois, quando o porão de carga foi novamente pressurizado, puderam entrar e observar de perto o achado. A coisa repousava no centro do compartimento, com a antena voltada para cima.

As primeiras análises mostravam que de um dos braços, onde havia um cilindro, escapava uma fraca radioatividade, resultante da desintegração do que parecia plutônio.

— Mas quem ainda utiliza plutônio neste lado da Via Láctea — perguntou Neron.

O elemento, devido à sua periculosidade, havia sido abandonado há séculos, quando se descobriu o processo da fusão nuclear multi-estágios. Logo descobriram que o cilindro era um gerador de radioisótopos, uma tecnologia muito antiga que fornecia pouquíssima energia. Confirmava o que saltava à vista diante do estado do objeto, de que ele fora lançado ao espaço muito tempo antes. Ashlon circumdouno, e descobriu um detalhe que lhes havia escapado. Limpando os detritos que cobriam o corpo do objeto, um brilho dourado apareceu.

Depois de removida a sujeira de provavelmente séculos, um objeto circular revelou-se preso à estrutura. Os desenhos impressos nele, entretanto, foram o que mais chamou a atenção da equipe, mais que a fulgurante cor dourada do disco.

Pareciam algo similar a instruções de manuseio, e foi Natalia que teve a ideia de que poderia tratar-se de um disco de gravação, similar aos que havia visto em museus em seu sistema. Explicou que, muitos anos antes, costumava-se gravar sons e imagens em discos, de forma parecida como agora faziam nos cristais de memória. O desenho na capa dourada do disco confirmava essa suposição, havia gráficos que pareciam usar uma antiga linguagem binária, e o desenho na parte inferior seguramente deveria ser alguma representação astronômica.

O disco foi cuidadosamente retratado e analisado.

A bordo do objeto havia um instrumental que acabaria sendo identificado como um sistema de reprodução, mas que estava danificado. Conseguiriam, entretanto, reproduzi-lo com materiais de bordo em uma hora ou duas, o que foi providenciado. A inspeção do restante do objeto mostrou que deveria ser uma espécie de sonda. Havia câmaras para captação de imagens, instrumentos para medição de radiações eletromagnéticas e de espectro, e impulsores que funcionavam a base de algum fluido, tudo extremamente primitivo. Havia sistemas de gravação de dados a bordo e rádios, confirmando que deveria tratar-se de uma sonda. A pergunta que ainda não sabiam responder era qual a identidade de seus construtores.

Algumas horas depois estavam saindo do setor mais denso da Nuvem de Oort, e um contato com a distante Terra foi suficiente para justificar seu atraso. Mais algum tempo, havendo deixado o cinturão para trás, poderiam aumentar a velocidade e realizar o último salto hiperespacial, que os levaria às vizinhanças do planeta. Maria apenas desligou o transmissor, e recebeu o pedido de dirigir-se ao setor de ciências, onde descobertas extraordinárias estavam sendo feitas.

Natalia, a oficial de ciências, estava visivelmente espantada. Em poucas palavras explicou como a duplicação do aparelho de reprodução havia sido feita com base no original, mas pediu a Ashlon para falar primeiro. O navegador examinara os dados contidos na capa do disco, que segundo a interpretação do computador, indicavam a localização do mundo de origem do objeto com base em 14 pulsares muito conhecidos, de períodos bastante estáveis, que não haviam variado nos últimos dois milênios.

— A interpretação dos dados não admite margem a dúvidas — disse o alienígena. — A origem da sonda foi precisamente determinada, e os cálculos a partir da posição dos pulsares, repetidos várias vezes, são exatos. A sonda veio da Terra.

Um murmúrio de admiração foi ouvido no amplo laboratório, e a seguir todos começaram a falar ao mesmo tempo. Demorou até que a comandante conseguisse impor a ordem:

— Silêncio, pessoal! Calma, até parece que nunca antes estiveram diante de fatos à primeira vista inacreditáveis. Podemos confiar em Ashlon, afinal de quantos lugares estranhos ele já nos tirou, não é? Esta realmente certo de que essa interpretação é correta?

O navegador asseverou que sim, enfatizando que os dados estavam disponíveis em seu relatório, que a comandante se prontificou a ler depois. Natalia retornou a palavra. Narrou como haviam seguido as instruções na capa dourada do disco e como, após alguns erros, puderam recuperar a gravação, que consistia de sons e imagens.

Acionou alguns comandos em sua mesa, e todos puderam ouvir os variados sons gravados no disco. Harmonias estranhas encheram a sala, com uma fre-

qüência que variava de forma estranhamente melódica.

Estrondos foram seguidos por ruídos borbulhantes e sons violentos, parecendo ventos e águas fustigando um mundo primitivo. Sons de animais foram logo identificados, e a seguir o que pareciam ruídos de veículos e de algum código de comunicação, logo identificado como o antiquíssimo Código Morse, ainda usado em algumas colônias. Depois dos veículos, um som chamou a atenção de todos, que não sabiam especificar o que seria. Foi Maria quem teve uma idéia. Pediu que Bill se aproximasse e, antes que ele descobrisse suas intenções, ela o beijou na face. O som produzido foi idêntico ao da gravação.

— Inacreditável — disse Neroon. — Quem será que teve a idéia de enviar ao espaço o som de um beijo?

Ninguém sabia. O choro de uma criança foi o registro seguinte, acompanhado pelo murmúrio carinhoso da mãe. Melodias belíssimas vieram a seguir, reconheceram compositores do passado remoto da Terra. Bach, Mozart, Louis Armstrong, Chuck Berry e outros foram logo identificados, e suas músicas eram acompanhadas por inúmeras outras, cantos de tribos primitivas, músicas do Oriente terrestre, uma seleção fantástica, provavelmente bastante representativa da época em que os construtores da sonda viveram.

Passaram a seguir para as imagens. A primeira coisa que viram na tela foi um círculo, e Natalia supôs que seria uma indicação dos construtores de que estavam agindo corretamente na reprodução, pois é uma figura que confirma a correta proporção entre largura e altura. A seguir veio o mesmo desenho da cobertura com os pulsares, acompanhado pela foto de uma galáxia logo identificada com Andrômeda. A figura seguinte trazia uma série de símbolos e algarismos arábicos, o que confirmava que a nave tinha vindo da Terra. Os próximos três quadros reforçavam a impressão, tratando-se de um dicionário de definições de unidades numéricas e físicas, e uma representação quantitativa do Sistema Solar. Definitivamente era o local de origem da sonda.

Enquanto todos viam nas imagens seguintes os planetas vizinhos da Terra, Natalia recebeu uma mensagem. A pesquisa nos arquivos que solicitara fora concluída, e ela interrompeu a exibição das imagens para informar os presentes:

— Já temos mais informações sobre esse objeto. Realmente é uma sonda, batizada de *Voyager 2*, lançada por um Estado terrestre conhecido como Estados Unidos da América. A data do lançamento é 20 de agosto de 1977...

Um murmúrio de incredulidade percorreu o salão. A comandante falou por todos:

— Mas foi exatamente há mil anos! É impressionante, chega a ser inacreditável. O que mais descobriram?

— A *Voyager* foi lançada para investigar os planetas exteriores do sistema, aproveitando que nessa época estavam relativamente alinhados, e uma única sonda poderia visitar todos utilizando-se apenas do impulso gravitacional de um planeta para viajar para o seguinte. Foi extremamente engenhoso. A nave conseguiu cumprir sua missão e, como sabiam que deixaria o Sistema Solar, decidiram acrescentar esse disco com sons e imagens de seu mundo, para que quem a encontrasse em um futuro longínquo soubesse quem foram seus construtores.

— E em mil anos ela não chegou sequer à distância de um ano-luz — observou Neroon.

— A sonda não possuía meios de viajar mais rápido que algumas dezenas de milhares de quilômetros por hora, Neroon — respondeu Natalia. — E acredito que não esperavam que fosse encontrada depois de decorridos apenas mil anos. Vamos assistir ao restante da gravação.

Estruturas de DNA, anatomia humana, famílias, paisagens, animais, e dúzias de imagens da sociedade terrestre do século vinte. Todos acompanharam a exibição visivelmente tocados. Era incrível como várias informações mostradas não condiziam com a noção corrente dos costumes da época.

Houve silêncio quando a apresentação terminou. Parecia que todos refletiam intensamente a respeito do achado. Era mais espetacular que muitas das coisas que aquela mesma equipe havia descoberto em diversos mundos alienígenas.

— Realmente achamos algo extraordinário — disse por fim Maria. — É interessante, parece que eles acreditavam que milênios se passariam antes que alguém encontrasse a *Voyager*. Não poderiam saber que o primeiro contato se daria menos de um quarto de século depois.

— Estudei esse evento — disse Natalia. — Meus antepassados há tempos vinham observando a Terra, e acabaram se decidindo pelo contato nos primeiros anos do século vinte e um. Foi uma completa revolução na sociedade terrestre, principalmente quando se comprovou que ambos os povos eram aparentados. Entretanto, não puderam prever os problemas que ocorreriam poucos anos depois. Governos, corporações e pessoas que viram seus privilégios ameaçados passaram a agir contra o entendimento entre as duas civilizações, e a grande guerra de 2012 quase destruiu a América do Norte e a Ásia Oriental. Europa, América Latina, África e as nações do Oceano Pacífico se uniram aos extraterrestres na reconstrução, e em pouco tempo a paz se estabeleceu. A Terra logo se tornou um membro atuante da Confederação, e junto a nossa gente se espalharam por todo este lado da Via Láctea.

— O que eu acho mais interessante — falou Bill —, é que o conteúdo desta mensagem contradiz tudo que pensávamos saber sobre o final do século vinte. Achávamos que era uma época bárbara, de guerras, conflitos, exploração, fome, preconceitos. Sempre se

pensou que nada nem ninguém escapava desse padrão. É claro que muitos dos registros se perderam com a guerra, mas nenhuma das informações restantes parecia contradizer essa noção. Sempre se considerou que seu povo, Natalia, é que havia salvo a civilização terrestre do extermínio, o que não deixa de ser verdade. Mas acabamos de descobrir que não era bem assim, existiam pessoas naquele tempo que possuíam visão, que enxergavam que havia algo maior que seu mundo.

— Pessoas que tinham a noção de não estarem sozinhas no Universo, completou Maria. Que acreditavam que deveriam viver em paz, que deveriam buscar respostas a perguntas muito antigas e que, fazendo isso, seria inevitável encontrarem vizinhos cósmicos. Acho que foi nesse espírito que essa mensagem foi enviada, para mostrar que, apesar de tudo, existia esperança e confiança no futuro, que um dia a Humanidade aprenderia a viver em paz. Essas pessoas tinham a firme convicção que, desta forma, encontrariam outras civilizações com talvez as mesmas perguntas, e a elas os terrestres se uniriam, em uma nova era que os que elaboraram essa mensagem já estavam preparados para experimentar.

Finalmente, ainda naquele vinte de agosto de 2977, a *Explorer* saiu do último salto nas proximidades da Lua, contornou-a, e sua tripulação pôde afinal ver

diante de si a pequena jóia azul e branca pendurada no negrume do espaço. Era um sonho acalentado por todos ver o mundo que havia tido um papel primordial na evolução da Confederação e no estabelecimento da paz neste lado da Via Láctea. O planeta de onde há muito tempo seus antepassados haviam partido para o espaço, e onde, agora já sabiam, mil anos antes haviam vivido pessoas que acreditavam nos mesmos ideais de paz, união e desbravamento pelos quais se guiavam. Homens e mulheres diferentes, sonhadores e visionários que talvez se sentissem solitários em sua época, mas que tiveram a ousadia de enviar sua mensagem de paz e esperança para as estrelas.

Mensagem que talvez se destinasse a sua própria espécie, como que para lembrá-la que, pesares a parte, naquela época existiram pessoas que sabiam que não estavam sós, e que se atreviam a sonhar com um futuro brilhante, de paz e conhecimento para todos, exatamente o que seus descendentes haviam construído. Um futuro onde a Terra fosse apenas o lugar onde tudo havia começado, e que homens e mulheres nascidos em diferentes mundos pudessem visitar e contemplar pela primeira vez, como filhos voltando para casa depois de muito tempo.

Isbnismos...

Já que falávamos no número anterior do *boom* de fantasia no Brasil, vale conferir **Memorial do Convento** (ISBN 85-286-0022-X) do nobelista José Saramago, em sua 38.^a edição, pela Bertrand Brasil. Trata-se de uma fantasia histórica, apresentando uma mulher com poderes mágicos e o Padre Bartolomeu de Gusmão, que teria realmente feito voar a sua "passarola" movida a energia alquímica.

Uma fantasia contemporânea que deve ter passado despercebida pelos fãs é **Lail-Ah: O Divórcio de Deus** (ISBN 85-86028-73-8), de H. James Kutschka, um brasileiro de nome muito internacional. Saiu pela Geração Editorial em 1999, e narra os problemas que Deus enfrenta com a personagem título: "Muito antes de criar uma mulher para Adão, o solitário Criador do universo engendrou uma companheira para Si mesmo. Essa mulher é Lail-Ah, extraordinário mito criado por H. James Kutschka." Recentemente Kutschka apareceu apresentando a série de HQ assinada por Warren Ellis e Darick Robertson.

Um brasileiro que fez muito sucesso dentro do gênero é Cláudio Moreno, cujo romance **Tróia** (ISBN 85-250-3346-4), lançado perto do período em que o filme homônimo esteve em exibição, foi uma presença duradoura nas listas dos mais-vendidos. O livro saiu pela L&PM. Não devemos esperar que Moreno retorne ao gênero, porém e ao contrário de Orlando Paes Filho.

A escritora francesa Sophie Chameau também se beneficiou da onda troiana no Brasil. Seu romance **Memórias de Helena de Tróia** (ISBN 85085363-21-5), lançado pela Editora Rosa dos Ventos, narra o épico pelo ponto de vista da personagem-título, a bela mulher que teria sido o pivô da Guerra de Tróia. O livro talvez se qualifique mais como romance histórico, exceto pelo fato de que não há realmente muita história em que se basear, no que diz respeito a esse conflito envolto em lendas — assim como, aliás, as histórias arturianas.

Um exemplo arturiano que ainda está nas listas é **Rei Artur** (ISBN 85-00-01510-1), de Allan Massie, lançado pela Ediouro, editora que ultimamente tem se voltado mais para a fatia mais "nobre" das livrarias, quando antes se dedicara a edições populares.

A revista alemã *InterNova* está à procura, através do seu editor Michael Iwoleit, de ficção científica brasileira. Os textos inicialmente devem ser enviados em inglês, mas os editores pretendem eventualmente poder avaliá-los diretamente em português, com a ajuda de correspondentes/tradutores.

A revista é uma companheira da já existente *Nova* (www.nova-sf.de), mas será publicada em inglês, assumindo assim um perfil internacional na forma e conteúdo. Por enquanto *não* se trata de um mercado pago. Escreva a Iwoleit em mki@iacd.de.

ESFELUNTES

M. R. R. OLIVIERI

A autora esteve conosco nos números 87 e 88 do Somnium, e foi autora revelação da Escola de Escritores de Gabriel Perisse, em 2002. É a sócia do Clube de Leitores de Ficção Científica de número 484. Este seu conto explora eventos iniciados há sessenta anos, e que encontrariam uma surpreendente conclusão nos dias de hoje.



Se há situações que podem confundir um homem, elas estão sempre ligadas ao fato de excederem a lógica e o bom senso comum. O imprevisível está sempre à espreita e o conceito civilizado de previsibilidade tornam absurdas todas as precauções. Talvez por isso, nos primeiros anos da década de 1940, eu um tanto surpreendido, deparei-me com os primeiros ESFELUNTES.

Eu, tão moço e tão ignorante, viajava no navio *Edimburgo* a bordo de um cruzeiro pelo Canal da Mancha. Com os sentidos aguçados, passava minha primeira noite a bordo, extremamente excitado com a total liberdade que desfrutava pela primeira vez. Contava com dezessete anos e era a minha primeira viagem sozinho pelo mundo. A intensa liberdade que eu sentia e minha utópica sensação de independência lançou-me nesta experiência que na época julguei ser apenas fruto de minha imaginação privilegiada e perspicaz.

Eram três horas da manhã e como não conseguia dormir, fui dar um passeio pelo convés. Afinal, não é raro agirmos estranhamente quando nos encontramos em lugares desconhecidos excedendo os limites apropriados de conduta.

Acendi um cigarro e saboreava uma taça de vinho Cheviellie, safra 33, envelhecido dez anos. Eu me sentia tão bem comigo mesmo que nem o mau tempo e o espesso nevoeiro me tiraram o bom humor. A garoa fina prenunciava uma tempestade e a descarga elétrica dos raios iluminava o breu daquela imensa escuridão. Debrucei-me sob o convés e contemplava o casco do navio, observando o rastro de espuma que os motores de popa provocavam no mar.

Foi então que comecei a distinguir nas sombras alguma coisa... não sei bem... alguma coisa que se

agarrava ao casco. Por mais que eu forçasse a visão, aquela coisa não tinha simetria e nem tão pouco um aspecto conhecido.

Prontamente chamei o imediato do navio e comuniquei que algo estava preso ao casco. Ele me olhou, sorriu estranhamente e perguntou:

— É a sua primeira noite, rapaz? — Afirmei positivamente com a cabeça. — Então, vá dormir. São apenas peixes... É que nestas águas... eles parecem ser... um pouco... diferentes.

Fiquei estarecido e completamente furioso. Eu podia ser jovem, inexperiente... mas conhecia peixes... e eles não se prendem a cascos, não possuem garras e nem mesmo braços.

Foram quarenta dias de viagem e durante quarenta noites, observei os peixes, os supostos peixes, assim denominados pelo imediato.

Hoje me arrependo de não ter tido a esperteza suficiente ou mesmo a imprudência necessária para colocar meu nome na História. Após sessenta anos daquela viagem, somente há dois dias o Dr. Emerik Touffauld, eminente cientista e ganhador do Prêmio Nobel de Botânica em 1974, anunciou ao mundo a descoberta de seres híbridos que vivem presos aos cascos dos navios no Canal da Mancha. São seres capazes de reproduzir células e tecidos humanos para a realização de transplantes. Os ESFELUNTES, sigla para a denominação de Espectros Fecundos Luminosos de Tecidos Irrigados e Sensíveis, são o mais moderno e complexo conceito de engenharia genética.

Mas ao contrário da surpresa do Dr. Emerik Touffauld e sua equipe, e bem como o resto do mundo, os ESFELUNTES... bem... eu já os conhecia.

Resenhas

Páginas de Sombra Contos Fantásticos Brasileiros. Edição e apresentação de Braulio Tavares. Ilustrações de Romero Cavalcanti. Editora Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2003, 167 páginas.

Braulio Tavares não publica um novo trabalho literário há alguns bons anos, desde seu livro de cordel *A Pedra do Meio-Dia ou Artur e Isadora*, pela editora 34, em 1998. Sua falta como ficcionista no panorama recente da ficção científica brasileira só tem aumentado desde então mas, mesmo assim, ele não se encontra propriamente afastado do gênero.

Um dos melhores exemplos disso é a antologia *Páginas de Sombra Contos Fantásticos Brasileiros*, publicada pela editora carioca Casa da Palavra, em 2003. Na verdade é um projeto acalentado há anos que, entre uma atividade artística e outra, entre uma dificuldade aqui e acolá de publicação, finalmente apareceu para o encanto e deleite dos fãs da literatura fantástica.

Ao pegar o volume já se percebe que o livro é especial. Muito caprichado, com um projeto gráfico bonito e arejado, enriquecido por ótimas ilustrações internas para cada história por Romero Cavalcanti. Mas o prazer não é apenas estético, é sobretudo editorial, crítico e na qualidade das histórias.

O livro começa com um ensaio crítico competente chamado "Nas periferias do real ou O fantástico e seus arredores", didático e ao mesmo tempo pessoal, apresentando alguns dos elementos centrais da chamada literatura fantástica, enriquecidas com uma interpretação própria do aqui crítico Braulio Tavares. Busca uma definição básica do fantástico, narra um pouco da trajetória e de algumas características do fantástico brasileiro, relacionando em seguida com o Horror e seus próprios pilares, como os fantasmas e o gótico. Para concluir com uma breve, mas instigante reflexão sobre a ausência de florescimento de uma literatura fantástica no Brasil, embora ela seja bem mais praticada em comparação com a ficção científica, por exemplo.

Ele argumenta que talvez seja porque a literatura brasileira ainda seja jovem — como o próprio país, aliás —, e que ela ainda está mais afeita por explicações calcadas no realismo, do que no fantástico, dada a urgência de problemas a serem resolvidos em nossa sociedade. É uma explicação pertinente mas que talvez seja insuficiente, especialmente se considerarmos como o Brasil vem mudando nestes últimos 25 anos, com uma profunda mudança em sua estrutura industrial e socioeconômica sem, contudo, alterar seu quadro de desigualdade social. E isto trouxe, será por coincidência?, em seu rastro, uma Segunda Onda da ficção científica, que tem sido a mais militante, produtiva e de melhor qualidade em comparação com qualquer outro momento histórico em nossa literatura, ainda que de alcance restrito no conjunto das letras nacionais.

De qualquer forma, uma antologia como esta ajuda a contextualizar o cenário histórico e recuperar algumas jóias esquecidas (ou pior) não conhecidas pelos fãs mais jovens de ficção científica e literatura fantástica.

Assim, este livro traz 16 histórias que vão de 1884 a 1995, cobrindo praticamente um século de produção. Obviamente, toda escolha é arbitrária mas o organizador Braulio Tavares procurou, até onde foi possível, equilibrar o gosto pessoal com a representatividade de uma história ou de seu autor. E estas duas características ficam explícitas na pequena introdução a cada história, onde o organizador já apresenta o autor e sua relação com o fantástico, bem como em que a sua literatura em geral dá mostra, ainda que implicitamente, de *insights* e especulações nada realistas.

O poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade abre a antologia com a despreziosa "Flor, Telefone, Moça", de 1951. Tem uma narrativa bela, melancólica e surpreendentemente sobrenatural, no relato de uma moça que retira uma flor de um jazigo e passa a receber estranhos telefonemas. O produtor e antologista da TV americana Rod Serling (1925-1975) certamente ficaria interessado em filmar o conto para uma de suas séries — *Além da Imaginação* ou *Galeria do Terror* — caso viesse a ler a história.

O conto a seguir é "A Podridão Viva", de autoria de Amândio Sobral, um dos escritores esquecidos que são recuperados neste livro. A história, publicada originalmente em 1934, tem um clima bem construído, situando a ação no interior profundo de uma inexplorada e distante floresta africana. Uma das regiões mais exóticas do planeta — naquela época — e ainda hoje. O impacto dos detalhes da expedição e da *aparição* são muito reforçados pela adjetivação e pelo choque emocional sofrido pelo protagonista.

"Teleco, o Coelhoinho" é o conto seguinte, assinado por um dos grandes fantasistas brasileiros, Murilo Rubião. Nesta história de 1965, uma fantasia em estilo clássico, muito bem narrada, com vívida imaginação e sentido alegórico. A situação absurda que se insere no cotidiano e passa a com ele conviver tem aqui um relato dramático e triste, mostrando personagens solitários em busca de compreensão e amizade.

Já o conto seguinte é de Berilo Neves, um escritor *best-seller* da literatura brasileira dos anos 30, hoje também relegado ao pó das estantes e à leitura eventual de um pesquisador mais dedicado. Um deles, o escritor Roberto de Sousa Causo contribuiu para dirimir um pouco este ocaso, publicando uma edição temática sobre ele no seu fanzine *Papêra Uirandê*, há alguns anos. Em todo caso, "A Última Eva" é mais um esforço de recuperação de um autor realmente curioso. Sua ficção científica não é mais do que sátiras relativamente superficiais sobre casais apaixonados em suas andanças pelos planetas do Sistema Solar.

Porém a esta aparente ingenuidade se insere uma temática extremamente machista e misógina, tal como mostrado neste conto, onde uma misteriosa epidemia varre as mulheres do mundo, num tema relativamente frequente na ficção científica como, por exemplo, no instigante e irregular ro-

mance *O Planeta Esparta*, do americano A. Bertram Chandler, publicado no Brasil nos anos 70, pela editora Nosso Tempo. No fim das contas, a presença de Berilo Neves se justifica mais por sua representatividade histórica do que por sua qualidade temática ou literária, exemplificado neste conto com um enredo forçado tanto no humor, quanto no desdobramento das situações.

Lília Aparecida Pereira da Silva é outra autora relativamente esquecida que dá as caras no livro com o curtíssimo "A Máquina de Ler Pensamentos". Não muito mais do que uma espécie de variação feminina para o monstro de Frankenstein, com semelhantes descrições do que Braulio Tavares chama de 'ciência gótica' para textos deste tipo. Bizarro e com boa ambientação, não vai além da intenção de ser uma história efetiva, sendo verdadeiramente nada mais do que uma vinheta.

O que não é o caso, absolutamente, da história a seguir. Simplesmente "A Escuridão", o maior clássico da ficção científica brasileira. André Carneiro consegue, com este texto de 1963, se ombrear com o que de melhor já se fez neste gênero em um nível internacional — tanto que é o seu texto mais publicado mundo afora.

Repentinamente as luzes desaparecem e a civilização mergulha nas trevas. Wladas procura primeiro entender o absurdo, para aos poucos lutar desesperadamente para superá-lo. Como aponta Braulio Tavares, o estilo distanciado e atemporal só acentua a estranheza da narrativa, bem como sua intensidade humana e dramática. A história tem uma fluidez demorada, outra peculiaridade que transmite uma sensação de angústia não só aos personagens, mas também ao próprio leitor. Um texto realmente bem escrito, em seus detalhes, primoroso no tratamento dos personagens é com um final inesquecível. Disparada a melhor história deste volume.

O maranhense Coelho Neto foi colocado depois da obra-prima de Carneiro, o que dificulta uma boa avaliação de sua história — aliás, como seria com qualquer outra das histórias desta antologia. Em todo caso, Coelho Neto é um dos mais notórios esquecidos da literatura brasileira, extremamente influente entre seus pares e prolixo em seu tempo, da segunda metade do século XIX até as três primeiras décadas do século passado.

Seu romance *A Esfinge* (em 1908 a primeira aparição. A edição que eu tenho é da editora Lello & Irmão, Porto, 1925), deveria ser procurado e lido, pois é uma história forte e interessante, sobre um homem que recebe o transplante da cabeça de uma mulher, numa variação curiosa da chamada 'ciência gótica' à lá Frankenstein. Para esta antologia, Braulio selecionou o conto "A Casa 'Sem Sono'", uma narrativa bem escrita e de tema misterioso, numa especulação diferente ao tema da casa assombrada. Poderia render mais, se tivesse explorado mais as situações apresentadas.

"A Gargalhada", de Orígenes Lessa, mostra como uma situação banal se transforma de forma inexplicável e surpreendente em *fantástica*. Uma risada generalizada, ininterrupta e coletiva acaba por se transformar num inusitado horror. Vale conhecer, ainda que como referência para a ficção científica, sua novela *A Desintegração da Morte* (1948, publicado, entre outras edições, pela Futurâmica, número 568), seja o seu texto principal e conhecido.

Adelpho Monjardim, outro autor pouco lembrado nos dias que correm, é 'redescoberto' neste livro com "O Satanás de Iglawaburg", um conto que lembra bem o estilo das *weird fictions* publicadas nas *pulp magazines* norte-americanas dos anos 30 e 40 do século XX. O conto tem um estrutura gótica assumida, com resquícios reconhecíveis de Edgar Allan Poe e seu clássico "A Queda da Casa de Usher". Obviamente, a qualidade literária do autor capixaba fica a anos-luz do norte-americano de Boston, mas o mais importante neste caso, é que a narrativa tem um bom nível de entretenimento, envolvendo o leitor e mostrando um horror que se assume muito mais no plano psicológico do que no sobrenatural.

Uma situação semelhante ocorre no conto seguinte, "As Academias de Sião", de Machado de Assis. Só que aqui o fantástico explícito se traveste de situações alegóricas, um recurso muito usado pelo autor em suas intermitentes incursões ao fantástico. A intenção inicial, no caso, é satirizar as acadêmicas literárias e científicas, tão em voga em fins do século XIX, mas o conto acaba tendo mais efetividade na situação prática vivida pelos dois personagens principais. Pois eles resolvem 'trocar' de sexo: um rei passa a ser mulher e uma rainha assume o papel masculino dentro da trama. Contudo, ainda que seja interessante pelo fato de ser de Machado de Assis, a história não consegue ser nada além de chata e mal concatenada em seus objetivos temáticos.

O que não é o caso do texto de Rubens Figueiredo, a novela "O Caminho do Poço Verde". Partindo de uma premissa simples, temos o choque civilizatório do 'interior profundo', na experiência de uma mochileira. A história é rica em seus detalhes, como a descrição da natureza, das pessoas do meio rural e seus costumes rudes, sua linguagem peculiar — que por vezes, beira a dialetos nesse 'brazilsão' interminável e desconhecido —, sua interação quase mágica com crenças oriundas do imaginário da natureza. É interessante também o fato de que todas os personagens *ativos* são mulheres: da viajante Diana às 'bruxas' do mato. E o tal do Aruê, é um mal que não se anuncia, mas se pressente, em meio a uma atmosfera sobrenatural que se acentua paulatinamente. E para fechar, temos o tal do 'poço verde', como um lugar mítico, onde o mal pode ser derrotado.

Publicado originalmente em 1994 na coletânea *O Livro dos Lobos* — conforme é informado na introdução da história —, poderia ter disputado fortemente o então Prêmio Nova. Dado o desconhecimento do *fandom*, a história só agora nos chega e se coloca como uma das melhores histórias curtas do gênero fantástico publicadas no Brasil em 2003. Talvez o atual Prêmio Argos a coloque em seu merecido lugar de destaque.

Depois de uma travessia intensa e surpreendente com a novela de Figueiredo, a próxima história — como já havia ocorrido com o conto que sucedeu a obra-prima de André Carneiro —, de saída sai prejudicada. Mas desconfio que neste caso nada poderia ajudar a melhorar a condição de "Íblis", de Heloísa Seixas. Contando basicamente a história de uma pesquisadora vítima de uma maldição, o texto peca pela chatice e empolgação. Seixas sabe escrever, mas transmite um pedantismo e uma futilidade à flor da pele, de tal forma que passei a torcer pelo destino funesto da personagem. A história mais fraca de todo o livro.

Justamente (quase) o oposto do conto de Lygia Fagundes Telles, "As Formigas". Um conto muito bem construído em sua trama e seu desenvolvimento, bem como na ambigüidade entre o real e o irreal que transmite, gerando uma situação de indeterminação, tanto no leitor, como nos próprios personagens. O mistério propriamente dito está por se insinuar — e recua —, para depois se insinuar de novo, de forma mais sutil e efetiva, especialmente no trecho final da história.

Competente.

Já a palavra para definir de saída o conto seguinte é sofisticação. Num texto muito bem trabalhado, tanto na forma, como nas imagens que transmite, o "Luvibórix", de Carlos Emílio Corrêa Lima, tem uma narrativa que provoca estranhamento não apenas pelo tema em si, mas pela prosa intrincada e caprichada que estrutura a história. Mesmo assim, do ponto de vista de uma narrativa mais fluente e que pede uma certa linearidade causal, o texto não consegue se completar, ficando a sensação conclusiva de uma prosa sofisticada sim, mas sem um objetivo temático claro.

Humberto de Campos é outro autor recuperado pelo organizador da antologia, e que era, em seu tempo, possivelmente o mais popular e produtivo escritor brasileiro. Em "Os Olhos que Comiam Carne", estamos diante de um tema muito bem explorado por um cineasta igualmente produtivo, o americano Roger Corman que produziu e dirigiu em 1963, o clássico B, *O Homem dos Olhos de Raio X*, numa interpretação classe A de Ray Milland. Se você já viu este filme, poderá esperar do conto de Campos uma temática e — principalmente —, um desfecho parecido. Mesmo sendo um motivo a menos para se surpreender, o texto vale uma lida pela maneira própria e singular que o autor brasileiro concebe uma interpretação para a história.

E fecha a antologia um clássico do horror brasileiro, "Demônios", de Aluísio Azevedo. De um escritor que é considerado um dos principais expoentes do Naturalismo li, nos tempos do Segundo Grau, dois de seus principais livros dentro desta vertente, *O Mulato* (1881) e *O Cortiço* (1890). E depois de tantos anos, me recordo do quanto fiquei impressionado especialmente d'*O Cortiço*, pela verossimilhança dos personagens e pelo esforço bem-sucedido de ambientação social realizada pelo autor.

Já neste conto, temos a inversão desta lógica naturalista. Os caminhos aqui se esvaem de explicações cartesianas, vislumbrando um ambiente sombrio, nada aprazível. Numa narrativa carregada fortemente de dramaticidade, temos a construção de um complexo e profundo pesadelo, com a inevitável — porém descartável —, 'pegadinha' no fim. De novo, aqui — e bem antes do ponto de vista histórico, diga-se —, temos mais uma variação do 'mundo da escuridão', onde se dá total e inexplicável ausência de luz. E há momentos marcantes, como a seqüência das transformações físicas, impressionando e causando um eficaz *sense of horror*.

Páginas de Sombra Contos Fantásticos Brasileiros é uma antologia da melhor qualidade em seu conjunto, fazendo frente a uma dos mais difíceis desafios a toda antologia: equilibrar a qualidade média das histórias. Goste-se mais ou menos de um texto, mais ou menos de um autor, a concepção da obra atinge seus objetivos de passar uma idéia geral da história e das principais características do chamado 'fantástico' feito no Brasil.

Contudo, dois tipos de ausência chamam a atenção. Embora a seleção dos autores tenha sido, em geral, bastante criteriosa, causa espanto que dois autores maiúsculos da literatura brasileira não apareçam: José J. Veiga e Guimarães Rosa. Quero crer que Braulio Tavares os selecionou, o problema deve ter sido com os direitos autorais. Veiga é um prosador e contista do mais alto nível — e diretamente voltado ao fantástico — e Rosa, além de ser um dos grandes nomes da literatura brasileira de qualquer época, também exprimiu-se em histórias fantásticas a certa altura de sua carreira. Aliás, o próprio Braulio tem se encarregado de divulgar esta temática do autor, publicando ensaios em jornais e fanzines sobre o assunto.

A outra ausência é a de nenhum escritor do chamado *fandom* literário de ficção científica destes últimos 20 anos. Braulio Tavares até justificou, dizendo que inicialmente havia pensado em incluir um ou outro autor. Poderia, até para evitar o equívoco de incluir um conto ruim como "Íblis", por exemplo. Duas boas histórias fantásticas que não fariam feio neste livro: "Aprendizado" (1993), de Carlos Orsi Martinho e "A Nuvem" (1993), de Ricardo Teixeira. Isso para não recomendar histórias do próprio Braulio, que ele já publicou ou poderia escrever. Fica para uma outra oportunidade uma nova versão desta antologia, que inclua os autores brasileiros contemporâneos voltados especificamente à ficção científica ou — de uma forma que soe melhor aos sensíveis ouvidos do *mainstream* — ao fantástico.

-- Marcello Simão Branco

"Acho que os escritores aparecem em duas categorias... Aqueles destinados ao lado mais literário ou 'sério' do trabalho examinam cada possível tema à luz desta pergunta: *O que escrever este tipo de história significaria para mim?* Aqueles cujo destino... inclui a elaboração de livros populares estão aptos a fazer uma pergunta bem diferente: *O que escrever este tipo de história significaria para os outros?* O escritor 'sério' está procurando respostas e chaves para o eu; o escritor 'popular' está procurando um público. Ambos os tipos são igualmente egoístas."

— Stephen King



Sobre o nosso capista: Artur Keppler é formado em química pela UNICAMP e hoje faz pós-graduação na Universidade de São Paulo. Seus desenhos freqüentemente pendem para o surrealismo, como acontece na capa desta edição.

Antologia Antares - VOL. I. Organização, diagramação e introdução: Jane Teresinha Mondello de Souza. Edição do Clube de Ficção Científica Antares – CFCA, Porto Alegre, RS, 1984. Caixa Postal 2101, CEP 90001. Capa de Marcelo Fernandes de Oliveira e Adalberto José dos Santos. Ilustrações: Adalberto José dos Santos e Nilton Saraiva. Revisão de texto: Luciano Alves.

Esta antologia é, na verdade, uma edição caseira em forma de álbum, com impressão a xerox e de um só lado das folhas, portanto algo bem despojado. Mais, existem pelo menos dois modelos dessa obra, pois eu tive dois exemplares diferentes no aspecto. Um, vertical, de capa flexível e verde; o outro, horizontal, capa vermelha e dura. Hoje só tenho esse último. A alegada ilustração de capa não está na capa, mas na folha inicial (sem contar três folhas em branco), mostrando uma espécie de torre. O volume se refere aos ganhadores do I Prêmio Fausto Cunha, promovido pelo CFCA.

O Clube Antares existiu durante uma década, de 1982 até 1992, centralizado em Porto Alegre e em sua fundadora Jane Teresinha, teoricamente sendo parte de uma entidade maior, o GEPEC (Grupo de Estudos e Pesquisas Científicas). Durante a maior parte do tempo Jane foi a presidente. Ela editou um fanzine conhecido como *Boletim Antares*, que chegou ao número 58 e que, com o *Hiperespaço*, está nas origens do *fandom* brasileiro de FC. O Prêmio Fausto Cunha (nome dado em homenagem a um dos grandes nomes da "Geração GRD" da FCB) foi divulgado através do fanzine.

Na introdução Jane compara Gumercindo Rocha Dorea ao célebre editor norte-americano Hugo Gensback e promete: "Esta antologia reúne histórias que nos mostram o que o homem poderá encontrar em mundos onde o fantástico e o extraordinário descortinam-se para nós."

O ANTI-SER (Tereza Ariel – 3º lugar)

A autora – cujo verdadeiro nome é Maria Teresa Rodrigues – tem sido uma presença fugidia no *fandom* literário desde que o mesmo surgiu, no início dos anos 80. Pouco se sabe sobre ela, até hoje.

Este seu conto ressent-se de muita ingenuidade e superficialidade na concepção. Baseia-se, é claro, nas hipóteses sobre antimatéria. Uma criatura de outra dimensão é subitamente despejada em nosso mundo, onde ninguém a sente ou percebe, e para poder manter algum tipo de atividade, penetra na mente de uma mulher que se encontrava à beira do suicídio. Basta isso para que a mulher se transforme num gênio científico, e com poderes para alterar a matéria, e imortalidade ainda por cima.

A impressão que fica é de uma história forçada, distante, sem propósito. A criatura é chamada simplesmente de "Anti-Ser", a mulher não é nomeada, a transformação do mundo é narrada em poucas linhas, numa prosa seca e desprovida de charme. O que, aliás, era a tônica nos primórdios do *fandom*,

quando a FCB se consolidava a partir das bases (no caminho inverso da geração GRD) e os novos autores lutavam com seu amadorismo.

Já nesse primeiro conto notam-se as falhas de revisão do álbum, além da curiosa diagramação que coloca o anverso da folha com duas páginas numeradas (a par e a ímpar, em colunas), estando o verso em branco.

SE OS DEUSES VOLTAREM (Cláudio Oliveira Egalon - 4º lugar)

Conheci pessoalmente Egalon por volta provavelmente de 1983, numa reunião de fãs de FC ligados ao Clube Antares de Porto Alegre – e isso foi na UERJ, aqui no Rio. À época da publicação desta antologia Egalon já se encontrava nos Estados Unidos, onde ainda deve estar. Ele chegou a ser, antes de seu egresso do país, vice-presidente do Clube Antares e um dos mais ativos autores deste início do *fandom*.

O conto em questão gira em torno de certo Dolerme, cidadão terrestre morador de Gaja, a mais distante colônia da Terra, aqui vista como um planeta imperialista. Dolerme é um ex-funcionário do governo local terrestre, caído em desgraça por sua simpatia para com os nativos.

Há uma cena intempestiva, quando Dolerme entra de qualquer maneira no gabinete do governador, para cobrar uma liberação de verbas para os gajeanos e, diante da recusa, xinga-o de porco desavergonhado, rasga um documento que o outro tenta lhe mostrar, ameaça agredi-lo e sai tranqüilamente. Não só é inverossímil, mas não atrai simpatia para o pretense herói.

Outro ponto fraco é que logo se começa a falar na lenda cultivada pelos gajeanos, sobre os "deuses" que um dia retornariam. Tendo em vista o título do conto, o final é previsível mas o efeito é fraco.

O problema maior, porém, está no próprio português, muito desajeitado. Vejam esta "pérola", por exemplo: "[Dolerme] pensava se, de alguma forma, os deuses haviam deixado algum aparelho para que os gajeanos utilizassem algum dia. Pensou se eles encontraram alguma forma de burlar a Imprensa e imprimir [sic] aquele texto. E se aqueles dez minutos de mal funcionamento dos satélites fora devido a eles para que pudessem se aproximar sem serem detectados."

JARDIM DO SILÊNCIO (Adalberto José dos Santos – 8º lugar)

O autor é gaúcho, nascido em 1948, astrônomo amador, professor de Química, e desenhista (é dele a ilustração que acompanha a história). Como escritor,

dentro do *fandom*, permaneceu mais na terra gaúcha. Ele tem o hábito de colocar citações no início de seus contos — nesse caso, Graham Greene e André Maurois: “Ninguém sabe quanto pode durar um segundo de sofrimento” (Greene) e “Os homens temem o silêncio como temem a solidão, porque ambos lhe dão idéia do terror e da insignificância da vida” (Maurois).

Reflexões profundas que ajudam a criar o clima melancólico e lúgubre deste conto. Eu gostei. Merecia melhor colocação, é superior aos trabalhos já vistos de Teresa Ariel e Cláudio Egalon.

Um andróide, cujo cérebro é poderosíssimo (e pode analisar as coisas em várias “dimensões cerebrais”) desce em um planeta, descobre um jardim cheio de estátuas... e o segredo terrível que elas encerram. Um conto interessante, mas profundamente triste.

UMA SEMANA NA VIDA DE FERNANDO ALONSO FILHO (Jorge Luiz Calife — 2o. lugar)

Este trabalho é de longe o melhor da antologia, e foi republicado muitos anos depois, na coletânea do autor, *As Sereias do Espaço*. Calife é jornalista e seu nome é ligado a um mito: o de que foi ele quem deu a Arthur C. Clarke a idéia de escrever a continuação de *2001: Uma Odisséia no Espaço*. Quando se considera que essa idéia já poderia estar bailando na mente de Clarke antes mesmo de finalizar a primeira obra, ficamos pensando em quanto certas coisas são supervalorizadas. É curioso observar que o comentário da antologista já registra as publicações, pela Nova Fronteira, de *Padrões de Contato* e *Horizonte de Eventos*, em 85 e 86 respectivamente — e isso desmente a data de edição da antologia, estampada no pórtico do volume.

O conto foi escrito em forma de diário redigido por um colono terrestre no planeta Vênus, que está sendo terramorfizado. “Existimos em completa dependência de nossos refúgios, as conchas pressurizadas de nossa moradia, que brotam da paisagem afofada como fungos de plástico branco, sempre se multiplicando como se proliferassem da água e da lama.” Alonso, cujo nome só é mencionado no título, descreve sem diálogos as suas paranóias em relação à segurança da colônia, ao sentimento de claustrofobia — pois a atmosfera ainda é irrespirável, e a chuva artificial e incessante (parte do processo de terramorfização), venenosa. “Viramos parasitas das máquinas, híbridos de carne e plástico, incapazes de uma existência independente.” O seu grande medo, porém, está nos abalos que podem arrastar os alojamentos até uma caverna subterrânea.

A outra ponta das frescuras do personagem está nas suas fantasias com a astronauta, traindo mentalmente a esposa cientista (ele mesmo o admite — onde é que escondia o diário?). É essa fantasia, onde vê

a astronauta como um ser superior e protetor, que irá determinar a tônica da história e o seu desfecho.

“A sensação de superioridade que a astronauta me transmite é esmagadora. Ela parece tão senhora de si e de seu mundo, um mundo onde eu não passo de um refugiado tirado da lama.” E assim, com seu estilo ágil e desinibido, Calife vai passando a sua fixação pelas supermulheres, de um futuro utópico feminista. Sem dúvida, um autor interessante, mas com idiosincrasias freudianas.

A LENDA (Cláudio Oliveira Egalon — 10o lugar)

Essa história é meio sem pé nem cabeça, não é à toa que aparecem o saci-pererê e a mula-sem-cabeça. Um viajante temporal desloca-se de 2304 até o ano de 1924, materializando-se na roça de Minas Gerais, onde depara e é perseguido pelas criaturas do folclore brasileiro, como o curupira e o boitatá. A mensagem do conto — um mini-conto — é um antigo clichê de FC, ou seja, alertar sobre a perda do sentimento, da Poesia, na civilização; a visão de um futuro exacerbadamente pragmático. Mas, como o conto é muito curto, a mensagem fica meio no ar. O autor não dá a razão da viagem do protagonista; vislumbramos que, em sua época, os livros antigos haviam sido condenados à destruição. O personagem salvara um, sobre o folclore brasileiro. No fim a pergunta: “Para onde teriam ido aqueles entes?” Ou seja: na civilização mecanicista, até os seres mágicos do folclore teriam de capitular, sumir de circulação...

Uma idéia interessante, porém não desenvolvida.

A notar também que nesse como nos outros contos, aparece o cacoete da pessoa que datilografou, de acertar a margem direita com comas, quando a última palavra da linha fica aquém. Algo desnecessário e desagradável.

A precariedade da revisão se manifesta na penúltima linha: “Onde quer que estivesse, estariam gargalhando.”

Pior foi dizer que Egalon era um carioca de Volta Redonda...

LOKII E SEU RAGNAROK (Gerson-Lodi Ribeiro — 6o lugar)

Nesta antologia, o autor assina como Gerson Lodi. Carioca, engenheiro eletrônico, Lodi tornou-se com o tempo assaz conhecido. É autor prolífico e de estilo seguro, freqüentador de inúmeros fanzines, revistas e outras publicações.

É associado à linha *hard* por assim dizer da ficção científica, e também se tornou o autor brasileiro mais importante do novo gênero (com poucos exemplos anteriores ao século XX) conhecido como “História Alternativa”.

No presente conto ele parece estar ainda menos seguro, a história é um tanto perfunctória, como um parto da montanha, pois a solução final não chega a convencer. Primeiramente, Lodi estende-se por mui-

tos parágrafos de narrativa sem diálogo, pesados e por demais explicativos. Numa utopia cósmica, os seres humanos são praticamente imortais, estão colonizando a galáxia, com poucos concorrentes, e encontram uma raça respiradora de oxigênio num planeta ao qual nomeiam como Ragnarok. O governo, porém, isola esse planeta, de modo que nem os cientistas não ligados ao Departamento de Assuntos Extra-Humanos obtêm permissão para ir até lá, estudar os nativos.

Depois de séculos, o antropólogo, exopsicólogo e sociólogo Hendrick é escolhido para visitar o planeta e tomar conhecimento do perigo representado pelos "lokiis". Resumindo, a raça é tão prolífica que, se viesse a se espalhar pela Via Láctea, logo não haveria mais espaço para os seres humanos... um baita problema, que há séculos paralisava o governo terrestre, que não sabia o que fazer diante daquela ameaça — a não ser manter o planeta em quarentena, enquanto a raça lokii ocupava cada vez mais espaço!

Chega Hendrick e num abrir e fechar de olhos resolve tudo. E aí está a fraqueza do conto. Depois de criado o suspense, chega o "super" e resolve, da maneira mais simples possível, o que centenas ou milhares de cientistas não haviam sabido resolver...

NINGUÉM SABE ONDE A CIDADE PERDIDA FICA (Cecy Fernandes de Assis — 9º lugar)

De longe o pior conto do volume. Uma história de "nonsense", algo à Juarez Machado, e em tom de deboche. Tem uma falha de continuidade. Começa na primeira pessoa, como uma narrativa de caixeiro-viajante, passa para um diálogo interminável e quase sem entrecosmos narrativos (como os colóquios de Edgar Allan Poe) e quando sai do diálogo a autora passa para a terceira pessoa, esquecendo o início na primeira. E nem se diga que isso faz parte do tal *nonsense*, porque não funciona.

O viajante chega à Cidade Perdida e começa a conversar com seus habitantes. Fica-se sabendo que ninguém sabe a localização da cidade, pois ela se perdeu "num buraco do tempo". E vão surgindo muitas informações estapafúrdias, como a existência de uma aldeia de "caçadores de sereias", o vento do Ártico trazido por vikings, uma rua interminável... O vendedor também lida com produtos absurdos, como o unguento para crescer chifres em maridos traídos [sic]. No meio de todas as baboseiras alguma preocupação satírica, como o cartão colorido que servia para fornecer endereço errado à morte, e era muito comprado por ditadores e revolucionários.

A ficção do absurdo é interessante? Talvez, mas não aqui. Eu falei com a autora nos idos de 1987, uma única vez... e apesar da informação que a Jane dá neste álbum (que a Cecy estava se dedicando a escrever contos de ficção científica) cheguei à conclusão de que ela nem sabia direito o que é este gênero, pois citou Däniken...

ENCONTRO INTERPLANETÁRIO (Elara Reis Sanderson — 1º lugar)

Na história da ficção científica brasileira deveria ser relevante a primeira antologia feita em duas décadas, e principalmente — em se tratando de antologia de concursados — o conto que obteve a primeira colocação. No entanto, somente o trabalho do Calife não caiu no ostracismo, e isso por ter sido republicado muitos anos depois.

E a autora premiada com o primeiro lugar é hoje um nome esquecido, e jamais mencionado em qualquer comentário sobre a história da FCB.

Seu conto também não merecia o primeiro lugar. É monótono, sem vida, com personagens que agem linearmente, sem psicologia, sem diálogos brilhantes, sem senso de humor.

Eu esquecera totalmente o enredo, que não apresenta detalhes marcantes. É um tanto clarkeano, ao contar a aventura de uma tripulação espacial que descobre um sol gêmeo do nosso, um planeta semelhante à Terra... e o legado de uma civilização de um passado remoto, que abandonara aquele mundo para se "integrar no universo". A autora deve Ter lido e/ou assistido *2001: Uma Odisséia no Espaço*.

Como os personagens da história são, todos eles, chatos e esquemáticos, e a narrativa pesada, a leitura é pouco interessante.

As informações sobre Elara, ao final do conto, são frustrantemente vagas. Ela nasceu em Porto Alegre, em abril de 1954, morou em São Paulo entre 1976 e 1980, formou-se em Física nos Estados Unidos (onde?), etc., e faleceu em agosto de 1984, antes da publicação da antologia, "deixando inacabado um último livro de ficção científica cujo manuscrito foi doado, por seus familiares, ao nosso clube". Um outro conto da autora, "Descoberta Antártida", recebeu o 13.º lugar no mesmo concurso, tendo saído no *Boletim Antares* N.º 14.

A Jane não informa o nome do livro inacabado, e nem se havia alguma previsão de publicá-lo. Usa a expressão "último livro", mas não informa sobre nenhum anterior. Quanto à morte da autora, segundo a própria Jane me falou, ocorreu em consequência de acidente radioativo, já que ela lidava com essas coisas. Entretanto não constam mais detalhes sobre essa morte.

Na FC norte-americana não faltam exemplos de autores fantasmas, como Roy Sheldon, um nome usado por vários escritores, como E.C. Tubb. E de autores que usaram até dezenas de pseudônimos. Por isso, aqui no Brasil também, antes de acreditar que algum autor existe, é conveniente verificar as provas dessa existência. No *fandom* brasileiro há vários casos de fantasmas ligados a Roberto Causo e Gerson Lodi-Ribeiro, e a Jane tinha mesmo a fama de inventar pessoas. Será que a Elara realmente existiu?

O COMETA (Adalberto Santos)

A história não participou do concurso, sendo incluída, conforme explicou a organizadora, por causa da passagem do cometa de Halley em 1986.

Adalberto explora aqui falácias como a de que as aparências enganam, trabalha com meta-realidades, o mundo dentro de outro mundo. E não são conceitos fáceis de se lidar.

O texto apresenta discussões científicas sobre a natureza do cometa, aproximando-se da FC *hard*, mas ao mesmo tempo, como eu disse, lida com um certo surrealismo, o conceito de universos escalonados, infinitos, coisa difícil de explicar. Nenhum personagem interessante e, infelizmente, um grave erro de português na última página: "Foi registrado inúmeros impactos de elétrons".

APÊNDICE

O MISTÉRIO DO 5º LUGAR

Tenho ainda um ponto a ponderar a respeito desta antologia – um ponto delicado, mas obrigatório para o pesquisador e historiador. Os leitores que prestarem atenção perceberão que os contos incluídos são em número de dez, mas um deles, *O Cometa*, não participou do concurso em si. Dos restantes, encontramos do primeiro ao décimo lugar – menos o quinto.

A pergunta é: onde foi parar o quinto colocado na premiação? O volume nada esclarece.

Eu, porém, graças às ligações que tinha na época com o CFCA, fiquei sabendo esse detalhe dos bastidores do concurso. O quinto lugar foi atribuído a um

conto – se bem me lembro, "Com Sequências" ou coisa parecida – assinado por Ricardo Severo, autor gaúcho que, na época, era muito ligado ao CFCA. Pelo que me foi passado, e que em parte vazou no Boletim Antares, uma séria dissensão entre a diretoria do clube e o mencionado sócio, resultou na expulsão deste último. Escrevi à Jane observando que, mesmo assim, o conto, visto que classificado no concurso – e tendo a classificação sido até divulgada – deveria figurar na antologia. A resposta da Jane foi que o Severo proibira a publicação. Eu não insisti, mas até hoje sou da opinião que, no corpo do volume, teria de haver uma explicação pela ausência do quinto colocado.

Jane contou-me que o Severo comprometera-se a fornecer desenhos para o livro, que não forneceu e com isso a edição foi empatada por dois anos. Assim a poupança então existente ficou desvalorizada e à Jane só restou a alternativa da edição caseira, precária, em forma de apostila.

Devo dizer que só disponho da versão da Jane, e que nunca tive qualquer contato com o Severo.

-- Miguel Carqueija*

* Nota do Conselho Editorial: Miguel Carqueija possui um conto na referida antologia, com o título de "A Zona Escura", o 7.º colocado. Ele achou por bem não tratar do próprio trabalho, e portanto aguardamos oportunamente uma nota a respeito desse conto, escrita por outra pessoa.

***Uma Estranha Família: Lembranças de um Lugar do Passado (From the Dust Returned)*, Ray Bradbury. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002, 201 páginas. Tradução de Adriana Lisboa.**

A história por trás desta obra consegue ser tão interessante quanto o próprio livro. Escrita como um conto para a revista *Weird Tales* em 1945, foi recusada de imediato por não falar de fantasmas habituais. Acabou publicada como um conto chamado "A Volta ao Lar" na edição do Dia das Bruxas da revista *Mademoiselle*, e ilustrada por Charles Addams, criador da excêntrica *Família Addams*.

Estendida e ampliada nos anos seguintes, a obra foi concluída e publicada em 2000.

Não existe de fato nada comum na saga desta família, tão antiga quanto as areias que cercam as pirâmides. Ela habita uma Casa conhecida mundo afora pelos mortos que desejavam ocupações macabras, e por um menino chamado Timothy, abandonado dentro de uma cesta, no portão principal.

Sensível à passagem do tempo, sabendo que vai envelhecer e morrer, o pequeno enfeitado será o portador das lembranças da Casa, quando ela finalmente for destruída.

Há tanta melancolia nessas páginas, um lirismo de gosto doce e amargo, o peso de muitos anos acumulados por mortos que não encontram a paz. Mas também há descobertas e às vezes um humor bizarro, que se manifesta com um arrepio e um sorriso.

É Ray Bradbury, o poeta da ficção científica, o autor de suspense, roteirista e teatrólogo. Garimpar este livro que chegou-nos sem aviso e sem alarde, é receber uma jóia inigualável de um autor imortal, sempre um menino contador de histórias.

-- Finisia Fideli

O CAMINHO DA VERDADE

UMA HISTÓRIA NO APOGEU DO POVO VERDADEIRO

GERSON LODI-RIBEIRO

Lodi-Ribeiro é pioneiro da história alternativa dentro da ficção científica brasileira, e ganhador do Prêmio Nova 1996 com, "O Vampiro de Nova Holanda", a primeira história dentro do universo a que pertence este "O Caminho da Verdade" – que, por sua vez, é ambientado em um período anterior, dentro da cronologia da série, e dá uma origem imaginativa ao hábito de sacrificar seres humanos, mantido por um certo povo pré-colombiano. O autor foi um dos principais editores da Editora Ano-Luz, promovendo a ficção científica brasileira em antologias por ele organizadas: Phantastica Brasileira e Como Era Gostosa a minha Alienígena! Atualmente desenvolve cenários para o jogo online TaikoDom – em www.taikodom.com.br.

*"... E DO NÉCTAR SAGRADO QUE MEU AMADO ME OFERTAR,
NO ACONCHEGO FRESCO E ESCURO DA GRUTA,
ONDE A MÃE-NOITE REINA ETERNA,
LIBAREI SATISFEITA."
—CÂNTICO DE ACASALAMENTO DAS SEDENTAS DAS GRUTAS
ANCESTRAIS*

Numa noite de primavera daquele litoral ermo da Grande Água do Poente, o Ancião da Estirpe das Grutas Ancestrais soube que, depois de eras sem conta, o presente imutável do Povo Verdadeiro estava ameaçado.

Após uma incursão solitária à aldeia de pescadores mais próxima do Complexo das Grutas Ancestrais, o caçador intrigado veio ter com o Ancião, que instruíra duas crias masculinas na correta observância do Caminho da Cautela.

Notando o alarme na expressão do caçador, expresso na maneira que suas faces emitiam calor, o Ancião das Grutas dispensou as crias, que decidiram ir brincar no Salão da Fogueira, onde sedentas educavam as crias femininas.

Olhos Brilhantes havia voltado mais cedo de sua incursão à aldeia do noroeste. Não fora uma incursão noturna, compartilhada com outros caçadores da tribo. Até porque Olhos Brilhantes não estava em sua *noite-de-beber*. Fora uma das arriscadas incursões diurnas.

Filho-da-noite algum apreciava executar incursões diurnas. Era uma missão sumamente desagradável e, no entanto, extremamente necessária.

O Ancião não culpava os caçadores do Povo Verdadeiro por evitar as incursões diurnas para coletar informação. Ele próprio também não gostava de cumpri-las.

Afinal, no fulgor inclemente do dia, não obstante seus olhinhos miúdos de cutia, os vidas-curtas enxergavam muito bem, ao passo que os filhos-da-noite mal conseguiam descerrar as pálpebras, exceto quando à sombra de uma árvore frondosa ou no interior de uma oca.

Além disto, e pior do que isto, na claridade diurna não eram capazes de exteriorizar suas garras e presas re-

tráteis; seus poderes curativos estavam drasticamente limitados, bem como a resistência física e a força muscular sobre-humanas que caracterizavam os filhos-da-noite.

A luz do sol era a principal inimiga do Povo Verdadeiro. Daí a designação coloquial "filhos-da-noite".

Ainda assim, a coleta de informações era importante e precisava ser efetuada. Os filhos-da-noite tinham que saber o que os vidas-curtas estavam fazendo e como eles estavam pensando. Desprovidos desse conhecimento, açabariam perdendo a capacidade de prever o comportamento de suas presas. Como todo predador, os filhos-da-noite precisavam conhecer o modo de pensar de suas presas, para melhor antecipar suas ações e, se fosse necessário, tangê-las de acordo com os interesses do Povo Verdadeiro.

Na escuridão quase absoluta do Aposento da Memória, bem no interior das Grutas Ancestrais, o Ancião observou o semblante preocupado de Olhos Brilhantes. Sim, o caçador trouxera novidades inquietantes da aldeia dos vidas-curtas. Por isto, retornara mais cedo que o esperado.

"O que você descobriu em sua visita ao Povo Predileto?" o Ancião indagou, após estender seu espírito até tocar a barreira externa da mente do outro filho-da-noite. "Que portento é esse, capaz de assustar um caçador tão experiente quanto você?"

"Há pouco mais de uma lua, um barco vindo do norte chegou à aldeia visitada. Havia três vidas-curtas a bordo. Eles trouxeram conchas e tecidos para trocar pelo pescado da aldeia."

"Eu ouço. Mas a mera chegada de um barco do norte não é motivo bastante para te assustar tanto assim. O que mais ocorreu?"

"Os vidas-curtas do norte trouxeram instrumentos estranhos. Artefatos de pedra polida, como eu jamais havia visto antes. Trouxeram também facas fabricadas com um metal estranho, que parece capaz de capturar os raios do luar."

"Aí está uma notícia interessante. Mas não foi isto que te fez retornar mais cedo da aldeia."

"Tem razão. Os recém-chegados se negaram a trocar suas facas de metal e raspadores de pedra com os pescadores. Justificaram a recusa, afirmando que os artefatos lhes haviam sido ofertados como presente por um representante dos *deuses-guerreiros*... Quando os pescadores se mostraram curiosos a respeito dessas entidades, os recém-chegados explicaram que elas não só habitam entre os mortais das aldeias do norte, como ainda governam várias dezenas dessas aldeias. Segundo os visitantes, o auxílio desses deuses tornou seus seguidores invencíveis, facultando-lhes o domínio de numerosas tribos de vidas-curtas."

"Um evento fascinante. Então, os prediletos nortenhos elaboraram uma nova forma de culto..." Pensativo, o Anciã exteriorizou as garras da mão esquerda com ar ausente. Notando que o fizera, agachou-se e riscou a areia úmida do solo próximo ao lago subterrâneo que existia no Aposento da Memória. Tornou a erguer o olhar ao caçador e comentou com a fala-do-espírito clara e tranqüila. "Você está certo ao intuir que este fato é do interesse do Povo Verdadeiro. Agiu bem em retornar mais cedo para me transmitir a informação. Porém, ainda não compreendi o que te assustou."

"Segundo os visitantes do barco, esses deuses-guerreiros habitam entre os vidas-curtas e conduzem seus conflitos e negócios com outras tribos. Convivem com eles, mas não são como eles. Ao que se diz, eles são deuses e, como tais, não morrem."

"Tolice de prediletos. O Inominado só compartilhou sua imortalidade conosco, caçadores e sedentas do Povo Verdadeiro. Criatura alguma do Mundo Mortal, exceto nós, partilha esse atributo do Inominado."

"Bem sei, Anciã" o caçador concordou. Mas o tom era incerto. "Porém, ainda há mais."

"Conte-me."

"O ritual mais importante desse novo culto dos vidas-curtas nortenhos consiste na ingestão do sangue dos prisioneiros capturados nas lutas que eles travavam contra tribos rivais."

"Não..." O Anciã emitiu a negativa mental acompanhada de um protesto inarticulado, semelhante a um gemido. "Se esses deuses ingerem o sangue dos prediletos, então..."

"Foi o que também concluí, Anciã. Provavelmente são filhos-da-noite, como nós."

"Exato. Mas, se assim é, como puderam se afastar tanto do Caminho da Cautela?"

"Compreende agora a razão da minha consternação?"

"Compreendo. Compartilho a inteireza dessa consternação, e também do temor que você está tentando esconder."

O Caminho da Cautela. De acordo com essa doutrina, prevalente entre os filhos-da-noite desde o Tempo do Início, mesmo antes da Grande Jornada que os trouxera ao Novo Continente, na trilha das manadas de vidas-curtas nômades, o Povo Verdadeiro deveria manter sua existência predatória sempre oculta aos olhos dos prediletos. A manutenção deste segredo vital fazia parte da natureza do Povo Verdadeiro. Uma natureza que o Inominado destinara aos filhos-da-noite para que estes fossem capazes de cumprir seu propósito no Mundo Mortal: castigar o Povo Predileto pelos pecados da desobediência e da soberba. O cumprimento perfeito deste desígnio sagrado era a única maneira segura de merecer o regresso ao Mundo Elevado, quando o caçador ou sedenta privaria da companhia do Inominado pela eternidade afora.

Era como o poema que as sedentas costumavam recitar aos filhotes:

*... pela vontade do
Inominado, há tantos
prediletos na terra quanto
peixes na Grande Água do
Poente.*

*Embora durem pouco no
Mundo Mortal, os prediletos
nascem com o viço e a
espontaneidade das folhas das
árvores à beira de uma água
corrente na estação boa.*

*E florescem tão rápido e
exuberantes quanto as matas
verdosas ao sopé das
Cordilheiras do Nascente.*

*E o Povo Verdadeiro só
sobrevive, porque o Inominado
nos fez semelhantes a Seus
prediletos.*

*Para que nós confundam
com os seus, para que jamais
desconfiem de quem somos de
fato...*

*E para que, como
instrumento de Sua vontade,
possamos cumprir Seus
desígnios, conforme nos foram
confiados.*

O que pensar diante de filhos-da-noite capazes de abandonar o Caminho da Cautela? Acaso não percebiam que suas ações insensatas colocavam em risco a sobrevivência de todo o Povo Verdadeiro?

Esperançoso, durante algumas batidas do coração, o Anciã chegou a cogitar que poderia se tratar de um ramo disperso do Povo, e não dos filhos-da-noite da Estirpe das Grutas Ancestrais... Suas crias. Sua responsabilidade.

Afinal, muito tempo atrás, quando o grande grupo de caçadores e sedentas que iria constituir a Estirpe das Grutas empreendeu a Segunda Jornada, a grande viagem sem

volta para as terras do sul, onde o verão era inverno e o inverno era verão, deixaram outros grupos para trás, ao longo da trilha estirada que se iniciara na Terra da Pradaria, entre o Grande Rio e as Muralhas do Céu.

Talvez os hereges que se faziam passar por deuses dos prediletos fossem filhos-da-noite de um desses outros grupos desgarrados.

Logo o Ancião caiu em si. Era melhor não nutrir ilusões a respeito.

Lembrou ter havido, num passado não tão remoto a ponto de adquirir a textura de relato lendário, um grupo de cinco caçadores e quatro sedentas da Estirpe das Grutas que partira para o litoral norte em missão exploratória. Ao contrário do esperado, jamais voltaram ou mandaram notícias.

Precisava descobrir se os tais deuses eram de fato membros sacrílegos do Povo Verdadeiro. E, caso o fossem, se eram oriundos da Estirpe das Grutas Ancestrais.

A comunidade de filhos-da-noite residente nas Grutas Ancestrais há muito perdera o vínculo espiritual com aqueles que haviam viajado para o norte. Sem esse contato mental, não poderiam conversar na fala-do-espírito com filhos-da-noite residentes em plagas distantes. Tampouco podiam receber notícias, para saber se os que se foram estavam bem. A ruptura do vínculo só podia significar que os viandantes nortenhos se haviam afastado mais do que uma noite de marcha da região das Grutas. Esta era a única explicação possível. Exceto se todos os viandantes houvessem optado por abandonar a existência terrena a um só tempo, para regressarem juntos ao Mundo Elevado. O Ancião considerou esta última hipótese de todo improvável.

Sentiu-se culpado pela falta.

Devia ter enviado há muito uma expedição para investigar o desaparecimento daqueles viandantes.

No fundo, a falta de notícias não o preocupava.

Pois, não raro, os filhos-da-noite fundavam novas comunidades. Algumas dessas, pequenas e temporárias, não persistiam por mais do que umas poucas gerações de prediletos, antes de voltarem a se fundir com a comunidade materna da qual se originaram.

Por isto, não se preocupava.

Até saber da existência desses deuses bebedores-de-sangue.

Precisava descobrir se os tais deuses eram de fato membros sacrílegos do Povo Verdadeiro. E, caso o fossem, se eram oriundos da Estirpe das Grutas Ancestrais.

Cumpria, portanto, verificar pessoalmente a veracidade dos relatos ouvidos por Olhos Brilhantes.

Imbuído deste propósito, o Ancião delegou a Olhos Brilhantes suas atribuições na comunidade das Grutas e partiu em viagem solitária rumo ao litoral norte, onde, de acordo com os relatos ouvidos pelo caçador, os novos deuses governavam uma sociedade de muitas dezenas de tribos.

Embora vários caçadores se tenham oferecido para acompanhar o Ancião, ele decidiu partir sozinho e os outros não puderam contrariar sua palavra.

O Ancião partiu da região das Grutas assim que o braseiro fulgurante do disco solar mergulhou na Grande Água do Poente.

Ao longo de sua excursão rumo ao litoral norte, viajou durante a noite. A luz benfazeja das estrelas era mais do que suficiente para iluminar seu caminho. Durante o dia, da alvorada ao ocaso, abrigou-se em tocas que ele próprio escavou com as garras nos aclives dos morros costeiros.

Veza por outra, aproximou-se de um aldeamento de prediletos para sondar suas culturas e apreender seus idiomas. Como todos os filhos-da-noite, o Ancião possuía um talento inato para compreender as falas articuladas dos prediletos.

Por vezes, sorvia um pouco do sangue dos prediletos nas aldeias em que visitava. Recorreu quase sempre ao *sangue grosso*, o fluido vital que as fêmeas dos prediletos cediam de bom grado na época das regras, sem que fosse preciso lhes perfurar as carnes com suas presas. Muitos caçadores não consideravam o sangue grosso tão saboroso quanto o fluido que corria nas veias dos prediletos. Além disso, argumentavam, constituía nutrição fácil, obtida sem prazer. Pois, como predadores, deveriam tomar à força o fluido dos prediletos, e não esperar e se contentar apenas com o pouco que as vidas-curtas lhes ofertavam voluntariamente a cada lua. Até certo ponto, o Ancião compartilhava dessa opinião. No entanto, o sangue grosso era tão nutritivo quanto o *sangue fluido* e, sobretudo, muito mais seguro do que aquele. E, como o Ancião não se cansava de ensinar às crias das Grutas, segurança era fundamental para um filho-da-noite que pretende sobreviver algum tempo longe do aconchego da comunidade.

Jamais foi descoberto nas visitas noturnas efetuadas às aldeias que encontrou pelo caminho. Paliçadas não constituíram obstáculo. Com o beneplácito da Mãe-Noite, era capaz de superá-las num único salto. Conseguia se movimentar na escuridão absoluta, guiado pela audição, pelo olfato apurado e pelas emanações de calor dos corpos dos prediletos.

O toque da palma de sua mão bastava para imobilizar suas presas, induzindo-as ao torpor letárgico, do qual não se recuperavam, senão algumas horas mais tarde.

Não poucos caçadores compraziam-se em induzir o pânico abjeto nos espíritos inertes das presas paralisadas. Por isto, o toque paralisante também era chamado *injunção do pânico*. O Ancião sempre condenara essas práticas. Não se devia brincar com os espíritos aprisionados dos prediletos, exceto quando extremamente necessário. Limitava-se a beber dos prediletos paralisados pelo toque. Para não despertar suspeitas, tomava apenas um gole ou dois de cada presa, obrigando-se a beber de quantas presas fossem necessárias, até atingir a saciedade.

Como viajava solitário, não precisou preencher o segmento especial de seu estômago, onde um caçador podia armazenar a quantidade de sangue e linfa que regurgita-

ria ao chegar as Grutas, para nutrir as sedentas e os filhotes.

Em suas visitas diurnas de reconhecimento, o Ancião costumava ocultar suas orelhas pontudas e hirsutas sob um chapéu costurado com as penas e a pele de uma ave marinha. Mesmo assim, em geral os aldeões estranhavam as dimensões exageradas de seus pés e mãos, bem como o tamanho de seus olhos, não obstante o fato de mantê-los semicerrados, para protegê-los da claridade feérica do dia. Os nativos também se sentiram intrigados com as feições anômalas do Ancião, julgando-as invariavelmente horríveis. Como todo caçador, o Ancião sabia como agir nessas situações. Afirmava ser membro de uma tribo distante, residente muitos dias de viagem ao sul ou a leste da aldeia visitada.

— Lá na minha tribo, todos são assim, parecidos comigo — ele explicava na fala dos prediletos.

Os nativos sempre fingiam acreditar e, muito polidos e sem graça, tomavam a iniciativa de mudar de assunto. Por suas atitudes, era óbvio que adquiriam a certeza de estarem tratando com o portador de uma deformidade terrível.

Numa dessas visitas diurnas, quando já dominava razoavelmente bem o vernáculo que os prediletos praticavam naquela região, o Ancião ouviu falar dos deuses-guerreiros.

Segundo os nativos, as aldeias principais das tribos que adoravam os deuses bebedores-de-sangue situavam-se três dias de marcha a norte do sítio onde estava, no vale de um rio que os habitantes locais chamavam de *Moche*.

Os membros das tribos que haviam iniciado o culto misterioso no Vale do Moche denominavam a si próprios *Mochica*.

Duas noites antes de atingir o sítio onde a corrente murmurejante do Moche se derramava na Grande Água do Poente, o Ancião percebeu ter ingressado no território sob controle direto dos adoradores das divindades bebedoras-de-sangue.

Ao visitar uma vila de pescadores do litoral, descobriu que os tais deuses residiam na margem sul do Vale do Moche, menos de uma noite de marcha rio acima, num sítio que os nativos denominavam *Santuário da Lua*, o qual, pela descrição sem dúvida exagerada que ouvira, o Ancião imaginou constituir em verdade uma aldeia pesadamente fortificada com grossas paliçadas de adobe.

Os nativos daquela região costeira falavam dos deuses com aparente familiaridade. Não. Os deuses não tinham vindo até a vila do litoral. Não se dignariam viajar tanto assim para oeste. Seus emissários, porém, vieram até ali, e os chefes da aldeia foram conduzidos até o Santuário da Lua para prestar reverência aos deuses e deles receberem a graça.

O Ancião soube que a cerimônia da reverência — a graça da qual aqueles aldeões tanto se orgulhavam — implicava oferecer-se para ser bebido pelos deuses. Tinha honra era concedida apenas às elites das tribos e aldeias aliadas.

Orgulhoso, o chefe da vila de pescadores exibia uma tatuagem no pescoço, realçando o par de perfurações gêmeas há muito cicatrizadas.

A tatuagem fora produzida com o propósito de imitar as perfurações deixadas pelas presas de um filho-da-noite. Só que caçador algum seria tolo a ponto de fazer lacerações tão conspícuas quanto aquelas.

Ao menos, nenhum seguidor do Caminho da Cautela o faria...

O Ancião sempre ensinava os futuros caçadores a evitar beber dos prediletos através de seus pescoços. Afinal, mesmo sem o recurso seguro do sangue grosso ofertado pelas prediletas, havia nos corpos das presas dezenas de sítios discretos onde um par de perfurações não chamaria tanta atenção.

Contudo, se chamar atenção era o intuito precípuo almejado pelos prediletos, talvez o realce da tatuagem fosse de fato necessário, visto que as lacerações produzidas pelas presas dos filhos-da-noite dificilmente deixavam marcas notáveis por mais do que uma lua nas carnes dos prediletos.

Será que aqueles filhos-da-noite que se faziam passar por deuses provinham da Estirpe das Grutas? Teriam abandonado por completo os ensinamentos ministrados pelo Ancião?

— E esses deuses que habitam entre os humanos desposam as mulheres mortais? — o Ancião conseguiu perguntar, depois de considerável rodeio.

— Os deuses só desposam as deusas — o nativo indagado falou, com tom de quem explicava o óbvio. — Homens e mulheres não raro oferecem seus corpos para o desfrute dos deuses. Mas esses sempre se recusam. Só se deitam com homens ou mulheres para lhes beber da vida, jamais para o prazer do amor.

— Compreendo. E como vocês distinguem as deusas dos deuses?

— O chefe me contou que os deuses são maiores e mais fortes do que as deusas. Os dentes-facas que emergem à noite das bocas dos deuses são mais compridos que os das deusas.

O Ancião suspirou, resignado. Se acaso ainda nutrisse alguma esperança de que os tais deuses não fossem filhos-da-noite, a descrição do nativo a teria dissipado inteiramente.

— Ah, e dizem que os narizes das deusas, embora menores, são menos parecidos com os nossos...

Então o nativo parou de falar e fitou o Ancião com o olhar esbugalhado, percebendo o óbvio afinal.

Embora jamais houvesse se deparado com um de seus deuses, já cansara de ver as representações de suas faces belas e horrendas nos poroncos que os Mochica faziam chegar ao litoral.

Portanto, não pôde deixar de constatar que o nariz de seu interlocutor era largo e possuía a extremidade levantada como o da capibara, com as narinas apontando para frente e não para baixo. Exatamente como os narizes dos deuses cujas faces eram representadas nos poroncos de cerâmica.

Era certo que o visitante estranho mantinha boa parte da cabeça oculta por baixo de um cocar esquisito, de

modo que não era possível vislumbrar suas orelhas ou seus olhos. O nativo não pôde verificar se ele possuía os olhos grandes e luminosos, ou as orelhas pontiagudas e peludas, que constituíam duas das principais características dos deuses.

Mas, aquelas mãos gigantescas! E os pés, grandes e poderosos...

— Afinal, por que indaga sobre os deuses, se de fato também é um deles?

O Ancião bufou numa imitação perfeita de um predileto.

— Sou apenas um viandante desgarrado, que busca retornar ao convívio de seus semelhantes — explicou, constatando, não sem uma satisfação íntima, que nem sequer fora preciso faltar com a verdade.

O nativo ficou-se de joelhos. Ao responder, não ousou fitar o filho-da-noite nos olhos:

— Pois então, Divindade, siga para norte até atingir o Moche. Caminhe pela margem sul do rio e logo estará dentre os seus.

— Muito obrigado. — O Ancião estava prestes a se afastar na direção indicada pelo nativo, mas então parou e se voltou para o predileto, que permanecia ajoelhado. — Uma última pergunta.

— Respiro para servi-lo, ó Divindade.

— Nasceram crianças dos casamentos dos deuses?

— Bem sabe que sim, Divindade. Embora a meu chefe não tenha sido concedido o privilégio de privar da presença dessas crias divinas, ele ouviu relatos dos lábios dos próprios sacerdotes do Santuário da Lua.

— Compreendo.

Então, a não observância do Caminho da Cautela fora mais longe do que pensara. Atingira o absurdo de revelar a existência das sedentas à luz do dia.

Das sedentas e de suas crias!

Seus pupilos violaram o juramento que todo caçador fazia de proteger as sedentas e os filhotes com a própria vida... Praticaram o maior sacrilégio imaginável.

Pois todos os filhos-da-noite da Estirpe das Grutas sabiam que as sedentas e as crias não deviam em hipótese alguma ser expostas à curiosidade dos prediletos. Afinal, não podiam ignorar que, tanto umas, quanto outras, careciam do treinamento e da disciplina necessários para se fazerem passar por membros do Povo Predileto.

A situação revelava-se muito mais grave do que o Ancião previra ao partir das Grutas Ancestrais.

Urgia chegar ao Santuário da Lua para, uma vez lá, demover os sacrílegos de sua insensatez.

Precisava trazê-los de volta ao Caminho da Cautela. Pois o abandono dessa estratégia arcana representava um risco considerável à sobrevivência do Povo Verdadeiro.

Despediu-se do nativo assombrado e dirigiu-se rumo ao norte em passos tão rápidos que predileto algum seria capaz de acompanhá-lo, muito embora o sol inimigo ainda se exibisse furioso, bem alto no céu.

Na noite seguinte à da partida do litoral, o Ancião correu pelo aclave do caminho que ligava a vasta montanha artificial, erigida com blocos de adobe, à outra, quase tão

grande quanto a primeira, que os nativos denominavam "Santuário da Lua".

Ele atingira a margem sul do rio Moche na noite anterior. Não conseguindo precisar a distância exata até o núcleo religioso dos Mochica, tampouco as dificuldades que encontraria pela viagem afora, decidiu beber dos prediletos para intensificar seus poderes e aprimorar seus sentidos. Deixou para a noite seguinte a jornada rumo ao nascente até o Santuário da Lua.

Repousou pela manhã e no início da tarde. À noite, partiu célere com o oceano e a foz do Moche em suas costas.

Quando já era noite cerrada, sob a luz das estrelas e de um fúlgido quarto minguante, ficou-se boquiaberto ante a edificação gigantesca.

Os Mochica haviam realizado um trabalho de construção impressionante: o Santuário da Lua e a outra montanha de adobe eram as duas maiores estruturas erguidas pelas fracas mãos dos prediletos que o Ancião já vira ou ouvira falar. Tão altas e extensas que pareciam colinas! Ele mesmo não teria acreditado nelas, não as houvesse enxergado com os próprios olhos.

Como a Montanha de Adobe, que o Ancião deixara para trás, o Santuário da Lua era uma estrutura complexa, composta por vários terraços, plataformas elevadas e praças muradas retangulares que circundavam uma construção central, de base igualmente retangular, mas constituída de vários pisos superpostos.

Quantas centenas de milhares de blocos de adobe seus semelhantes haviam obrigado os prediletos a moldar e carregar para erigir esses colossos? E com que propósito? Nutririam eles a esperança vã de, lá do alto daquelas estruturas, chegar mais perto do Inominado?

Havia um afloramento rochoso destacado numa das extremidades da praça murada, que se situava no topo da construção central do Santuário. Sob o luar minguante, com sua visão noturna aguçada, o Ancião não pôde deixar de constatar a semelhança óbvia da silhueta desse rochedo, que emergia em destaque do solo de adobe socado, com os da colina alta que se elevava por trás do Santuário. A excrescência rochosa despenhava-se vertical como um penhasco até uma outra plataforma fronteira à construção central, mas muito mais baixa do que ela.

À medida que o Ancião distendia sua percepção, até apalpar os espíritos dos filhos-da-noite renegados com seu toque mental, esses também tomaram conhecimento da presença do recém-chegado

Entre o Santuário da Lua e a Montanha de Adobe, da qual nada ouvira falar, jazia uma miríade de construções pequenas de piso único, com paredes de adobe e tetos de palha trançada. Pelo olfato, constatou que os prediletos residiam ali.

O Ancião sentiu a presença dos filhos-da-noite no Santuário da Lua.

Conseguiu mesmo identificar as individualidades de alguns deles. Lembrou-se de ocasiões passadas em que as

mesmas presenças tocaram seu espírito. Não houve dúvidas. Eram os viandantes desgarrados que haviam partido das Grutas Ancestrais tempos atrás.

O vínculo espiritual atua nos dois sentidos. Por isso, à medida que o Ancião distendia sua percepção, até apalpar os espíritos dos filhos-da-noite renegados com seu toque mental, esses também tomaram conhecimento da presença do recém-chegado e reconheceram seu antigo preceptor.

O Ancião sentiu o tom amistoso no vínculo estabelecido à distância. O sentimento preponderante emanado pelos espíritos dos filhos-da-noite radicados entre os Mochica era a curiosidade.

Então, o próprio Ancião das Grutas resolvera visitá-los? Decerto veio trazer a aprovação ao novo caminho estabelecido no Vale do Moche.

O Caminho da Verdade.

Claro que era isto! De outro modo, por que teria se dignado a abandonar a segurança das Grutas Ancestrais?

O Ancião cortou caminho através do casario dos prediletos adormecidos. Atingiu a muralha externa do Santuário da Lua e começou a contorná-la, até se deparar com a rampa de acesso que se estendia sobre a estrutura murada do perímetro exterior, paralela ao lado mais próximo da colina, a elevação que os Mochica pareciam julgar sagrada.

Já no interior do Santuário, ao percorrer os corredores a céu aberto, observou as paredes decoradas com frisos de padrão geométrico e altos-relevos, cujo tema principal era um conjunto intrincado de dois losangos concêntricos, com desenhos estilizados correndo sinuosos entre os dois. Dentro do losango interno, bem visível à luz das estrelas, destacava-se o rosto de um caçador do Povo Verdadeiro.

Não precisou parar a fim de examinar a figura. A mesma se repetia dezenas de vezes ao longo do corredor.

Muito maiores do que os de um predileto, os olhos foram retratados erroneamente como redondos e esbugalhados. Tanto os caninos retráteis superiores quanto os inferiores exibiam-se inteiramente à mostra. A pelagem craniana, que os prediletos costumam tomar por cabeleira, era mostrada eriçada, indicando que o caçador exprime fúria ou excitação intensa.

Curiosamente, as orelhas pontudas e cerdosas, uma das características dos filhos-da-noite que mais chamavam atenção dos prediletos, permaneciam ocultas atrás de brincos amarelos gigantesco.

Contudo, o que de fato assustou o Ancião foi a cor que o artista predileto empregou para retratar as faces do caçador: um vermelho escuro, sanguíneo, bastante vívido. Quase rubro, em vez do pardo habitual, cor de pele que os filhos-da-noite compartilham com os prediletos.

As faces dos filhos-da-noite só adquirem essa coloração vermelha quando eles ingerem uma quantidade desmedida de sangue... Quando bebem dos prediletos até o fim, tirando-lhes as vidas, e decidem não compartilhar o fluido armazenado com as sedentas e os filhotes. A vermelhidão cutânea e o sintoma de gula desmedida. Uma vez intoxicado pelo excesso de sangue, o organismo de

um caçador leva algum tempo para metabolizar o fluido que deveria ter sido compartilhado com os demais.

Não só tomavam os prediletos até o fim, reduzindo-os a carcaças secas, desprovidas de vida, como ainda os deixavam tomar conhecimento desses excessos...

O espírito do Ancião encolheu-se de horror ante tamanha iniquidade.

Através do vínculo, os caçadores que o aguardavam no topo da estrutura central do Santuário perceberam o quão perturbado o espírito do recém-chegado se encontrava.

Embora ainda não houvessem estabelecido contato visual com o Ancião, este já estava próximo o suficiente para pudessem empregar a fala-do-espírito para sondar-lhe a causa da inquietude:

"Por que tanta indignação, Mestre? Estamos muito longe das Grutas. Aqui não há mal em deixar que os vidas-curtas nos vejam e até mesmo nos retratem como somos."

O Ancião reconheceu quem falava. Era seu antigo pupilo, Garras Afiadas.

"O Caminho da Cautela..." o Ancião miou um lamento inarticulado. "Vocês o abandonaram."

"Estabelecemos uma nova doutrina aqui, Ancião" outro caçador, Orelhas Pontudas, explicou. "Uma ordem mais adequada aos novos tempos e ao Vale do Moche."

"Ah, é? E que doutrina é essa?"

"O Caminho da Verdade" Garras Afiadas respondeu.

"Caminho... da Verdade?"

"Isto mesmo. Os vidas-curtas sabem quem somos, pois nós mesmos lhes contamos a verdade. Quando chegamos a este vale, decidimos ensinar-lhes quem éramos, para que eles nos temessem. O plano resultou muito melhor do que esperávamos." Orelhas Pontudas emitiu um risinho agudo. "Eles nos adoram. Ofertam-nos seu sangue e suas vidas, julgando-nos deuses. E por que não pensariam assim? Não envelhecemos e não morremos. Organizamos suas aldeias e controlamos a produção e a distribuição de seus alimentos, eliminando o fantasma da fome. Nós os conduzimos à guerra contra as tribos inimigas. Sob nosso comando, os exércitos dos Mochica tornaram-se uma força irresistível, capaz de varrer as hostes adversárias e impor a vontade de seus líderes, em verdade nossa vontade, às tribos derrotadas."

"Blasfêmia e sacrilégio! Vocês subverteram todos os ensinamentos que lhes ministrei."

"Tolice, Ancião" Nariz Empinado, o terceiro caçador reunido para recebê-lo, replicou. Era o mais jovem e não denotava o mesmo respeito demonstrado pelos outros dois. "Segundo você mesmo ensinou, o Inominado nos teria criado para castigar os vidas-curtas. Que castigo melhor do que forçá-los a viver sob nosso jugo? Que melhor punição do que torná-los, mais que meras presas eventuais, o nosso gado, que conduzimos e dispomos a nosso bel-prazer?"

"Não foi esta a vontade do Inominado." O Ancião exteriorizou suas presas, denotando desgosto e irritação. "Se você recorda tão bem o que lhe ensinei, lembrará também que transgressões viemos castigar. O Inominado proibiu os prediletos de se fixarem num mesmo solo por

mais estações do que os dentes que possuem na boca. Também foram proibidos de cultivar cereais e de escravizar os animais."

"Sim, mas e daí?" Nariz Empinado exalava desrespeito, tanto no vínculo quanto no cheiro.

"Daí que vocês fizeram os prediletos residir em aldeias de adobe construídas para durar para sempre. E os incentivam a cultivar o milho e a batata numa escala que nunca presenciei antes."

"E quem nos diz que não é esta a vontade do Inominado, Anciã?" O tom de Orelhas Pontudas tornara-se quase idêntico ao de Nariz Empinado. "Só temos sua palavra sobre a vontade do Inominado. Ao que eu saiba, Ele não expressou Sua vontade direto para você, não é?"

"É claro que não. Como você decerto não ignora, o Inominado não se manifestou para mim. Mas esses foram os ensinamentos Dele que recebi do meu Anciã, quando eu era pouco mais que uma cria. Os mesmos ensinamentos que lhes transmiti. A virtude da parcimônia. O Caminho da Cautela. Doutrinas que costumavam ser bastantes para o Povo Verdadeiro, desde o Tempo do Início."

"Não vivemos mais no Tempo do Início, Mestre. Por isto decidimos criar o Caminho da Verdade", Garras Afiadas, o caçador mais antigo e experiente dentre os hereses, argumentou, conciliador. "Nunca fomos tão poderosos quanto hoje. Veja quão poucos de nós são necessários para controlar esta região tão vasta e tão rica, habitada por milhares de vidas-curtas. Somos deuses aqui, Mestre. Somos respeitados e venerados. Esta é a forma correta de viver. Como o Inominado sonhou que fosse. Pois foi Ele e nenhum outro que nos inspirou a criar o Caminho da Verdade."

"Absurdo! Até uma cria compreende que nossa sobrevivência depende dos prediletos ignorarem que existimos..."

"Isto é errado, Mestre. Se somos o Povo Verdadeiro, se de fato compartilhamos dos atributos do Inominado, então não podemos viver ocultos, como se os temêssemos. Devemos dominá-los abertamente. Este é o Caminho da Verdade."

"Milhares de prediletos sabendo da nossa existência, nos venerando... Até quando? O que vocês farão quando eles se cansarem do domínio que vocês lhes impõem? Ou quando descobrirem que vocês não são deuses, mas apenas predadores?"

"Isto não vai acontecer", Garras Afiadas afirmou, convicto. "Eles nos temem e nos adoram. Sabem que somos não apenas invencíveis, mas que somos capazes de tornar nossos seguidores invencíveis."

"Talvez sejamos quase invencíveis sob o manto protetor da Mãe-Noite..." O Anciã atingira o fim do corredor comprido e chegara afinal à rampa que o conduziria ao topo da construção central, onde os três caçadores o esperavam.

Quando os viu, constatou o rubor intenso em suas faces iluminadas pelo luar. Encontravam-se claramente inebriados. Entendeu então que aquela euforia tamanha e o excesso de autoconfiança se deviam ao sangue demais que haviam ingerido há pouco.

Não trajavam mais as tangas e mantos típicos dos nativos das aldeias de pescadores litorâneas, vestimentas que os filhos-da-noite haviam adotado há muito como padrão em seus contatos com o mundo externo ao aconchego das Grutas. Trajavam-se antes como membros da elite Mochica, com roupas de tecido alvo que lhes desciam até os joelhos; sandálias de couro especialmente adaptadas ao tamanho de seus pés; e numerosos braceletes e anéis metálicos.

O Anciã observou que Garras Afiadas e Nariz Empinado usavam os mesmos pingentes enormes que ele vira retratado no rosto do caçador repetido nos alto-relevos do corredor. Já Orelhas Pontudas, fazendo jus a seu nome, não portava aqueles brincos esquisitos.

Embora não houvesse prediletos nas proximidades, o Anciã pôde lhes sentir o aroma e escutar ao longe as batidas de seus corações adormecidos. Compreendeu que eles repousavam noutros aposentos do complexo do Santuário da Lua.

Não havia cheiro de morte, o que significava que ao menos não haviam bebido dos prediletos até o fim.

Por tudo aquilo que depreendera de suas conversas com os nativos, imaginou que somente os inimigos dos Mochica fossem esvaziados até a morte.

Enfim postou-se ante seus interlocutores e concluiu sua argumentação:

"...mas que chances vocês terão se forem atacados no fulgor feérico do dia? O que farão quando não puderem se valer de suas garras e presas, quando as feridas que os prediletos enfurecidos lhes infligirem não cicatrizarem de imediato e seus toques paralisantes deixarem de funcionar?"

"Somos deuses agora. Como tais, não estamos mais sujeitos às leis..."

"Os vidas-curtas jamais ousariam nos atacar", Nariz Empinado ripostou, com menosprezo. "Não passam de gado, Anciã. Faremos deles o que bem entendermos."

"É mesmo? E quando várias colheitas ruins de milho sucederem-se umas às outras? O que eles pensarão de deuses incapazes de afastar a fome de seus lares?"

"Tomaremos cuidado para que isto não aconteça aqui", Garras Afiadas falou.

"Vocês se lembram da história contada por Suspiro do Vento, o caçador que não nasceu nas Grutas Ancestrais, mas que chegou até nós vindo do norte, muito antes de vocês nascerem? Os prediletos da região onde a tribo dele florescia descobriram tudo sobre o Povo Verdadeiro... Em resultado, promoveram uma caçada sem tréguas contra nós, de presas passaram a predadores, até que quase todos os filhos-da-noite da Terra da Pradaria foram mortos..."

Os três caçadores permaneceram absortos. Seus espíritos calados, mas ainda ligados pelo vínculo ao do Anciã.

Este percebeu que os havia abalado. Afinal, embora pudessem duvidar dos ensinamentos do Inominado, podiam ver em seu espírito que ele falava a verdade quando

dizia ter conhecido Suspiro do Vento pessoalmente e ouvido de seu espírito a narrativa da extinção dos filhos-da-noite nortenhos.

"E então? Vocês precisam retornar às Grutas Ancestrais comigo... Antes que os prediletos se revoltem e façam o mesmo que seus semelhantes fizeram na Terra da Pradaria."

"Não voltaremos consigo", Orelhas Pontudas declarou, num tom grave.

"Somos deuses agora. Como tais, não estamos mais sujeitos às leis das Grutas." Nariz Empinado levantou as mãos em direção ao Ancião. As garras inteiramente desembainhadas, num gesto enfático e ameaçador. "Tampouco à sua autoridade."

"Vocês estão fora de si. Inebriados pelo excesso de sangue. Ou não falariam assim. Ou se atreveriam a me ameaçar."

"Pode ser mais forte do que qualquer um de nós, Ancião." Orelhas Pontudas esforçou-se para soar firme e maduro no espírito do outro. "Mas somos cinco caçadores contra um. E ainda há as sedentas..."

"Bem sei. As sedentas e suas crias, não é verdade?" O Ancião emitiu uma risada mental que ressoou dentro dos espíritos surpresos dos outros três. "Mas sedentas e crias não contam, pois todos sabemos que elas não se poriam contra mim..."

"Pode ser, mas mesmo assim somos cinco contra um" Nariz Empinado respondeu com ar teimoso.

"Estou lhes perguntando se vocês irão comigo por bem, ou se terei que obrigá-los. Então, o que dizem?"

Os três filhos-da-noite mais jovens se entreolharam, indecisos.

"Não precisam responder agora. Voltarei aqui amanhã, nesta mesma hora."

"Amanhã por esta hora, estaremos celebrando uma cerimônia aqui no alto deste templo, Mestre", Garras Afiadas replicou, num tom neutro que não enganou o Ancião, pois este o assumia como o mais perigoso dos hereges. "Será bem-vindo para se juntar a nós, e compartilhar conosco do sangue dos inimigos dos Mochica capturados em combate."

"Não, filhotinho. Amanhã à noite não haverá celebrações. A menos que desejem comemorar sua partida da Terra dos Mochica e seu retorno às Grutas Ancestrais."

"Isto é o que veremos, Ancião."

"Até amanhã, então."

Ao anoitecer, o Ancião saiu de seu esconderijo numa cabana abandonada em meio ao casario que se erguia próximo ao Santuário da Lua. Evitou que os outros caçadores estabelecessem o vínculo consigo, para não revelar sua posição, tampouco seu estado de espírito.

Nesta segunda visita, o Santuário pululava de prediletos inteiramente despertados. O Ancião lhes ouviu o pulsar excitado dos corações e aspirou o aroma de seus corpos agitados ante a expectativa da cerimônia. A grande maioria dos prediletos se concentrava no topo da construção elevada, o templo, onde tivera a conversa com os caçadores.

Desta vez não percorreu a rampa de acesso e o corredor comprido, como fizera na noite anterior. Afinal, seus irmãos esperavam que ele subisse por ali. Por isso, decidiu escalar o paredão exterior do Santuário para atingir a plataforma que se estendia junto ao templo central. A plataforma estava iluminada pelas chamas de centenas de archotes. Aglomerados no topo do templo, os prediletos não teriam encontrado dificuldade alguma em enxergá-lo, caso estivessem com suas atenções focadas para a plataforma abaixo.

No entanto, o burburinho das vozes dos prediletos e os assobios agudos de seus apitos metálicos não se alteraram quando ele correu rapidíssimo plataforma adentro, até se colar como uma sombra à parede que emergia do primeiro piso do templo. Nenhum alarme ou cheiro de medo. Não fora visto.

Apurou seus sentidos.

Pelo Inominado! Após uma sondagem muito breve com o vínculo, constatou que os cinco caçadores renegados estavam ali em cima. Além dos três com quem se encontrara antes, sentiu a presença de Presas Cortantes e Dedos Grossos, dois jovens filhos-da-noite, pouco mais velhos que Nariz Empinado.

Também notou a presença de Pele Sedosa e Olhar Suave, duas das quatro sedentas que haviam acompanhado seus caçadores até o Vale do Moche. Aroma das Trevas e Lábios Gotejantes, as duas ausentes, decerto haviam permanecido junto às crias para protegê-las.

Contraíu o vínculo tão logo constatou a presença dos sete filhos-da-noite. Apesar dessa agilidade, os outros perceberam que ele se encontrava bem próximo.

Inquietos, inalaram o ar, em busca do aroma do Ancião. Tentaram captar as batidas características do coração do mais longo dos caçadores. Imersos na cacofonia da fala articulada uma centena de vidas-curtas, não lograram êxito em localizá-lo.

Empregaram seus vínculos para tatear ao acaso, tentando encontrar o espírito do Ancião. Não o descobriram. As sedentas gemeram magoadas. Os caçadores deixaram sua ira silenciosa espumar no fundo de seus espíritos. Pois a negação do vínculo significava intenso esforço consciente para evitar o estabelecimento natural do contato.

O Ancião saltou com as garras desembainhadas, cravando-as na parede do segundo piso daquele templo erigido sob a forma de plataformas de adobe superpostas. Os saltos seguintes o levaram aos pisos superiores, até que atingiu o topo da construção.

"Olá, caçadores e sedentas. Como combinamos, aqui estou para conduzi-los de volta às Grutas Ancestrais."

Até aquele instante, o Ancião julgara que, com seu aparecimento súbito no meio da cerimônia religiosa repleta de prediletos, os caçadores se veriam compelidos a acompanhá-lo no retorno às Grutas.

Contudo, ele se tornou vítima de um outro fator-surpresa, mais poderoso.

Quando aterrou no adobe socado do topo do templo, visualizou num átimo a cena hedionda que golpeou seu espírito como um relâmpago fulgurante rasgando a segurança da noite cerrada.

vera. A força do golpe se somou à energia adquirida no salto. O impacto perfurante fez com que os dedos rígidos de pedra penetrassem fundo nas vísceras do outro filho-da-noite, que estrebuchou numa agonia surpresa.

Com um safanão violento para cima e um salto para trás, o Ancião livrou as garras ensangüentadas das entranhas frementes de Garras Afiadas.

O sangue mais espesso que o dos prediletos jorrou abundante do tronco retalhado do umbigo ao tórax. O caçador ferido cambaleou para trás. Foi amparado pelos companheiros chocados que aterraram à sua volta.

Nariz Empinado e Orelhas Pontudas emitiram miados indignados de desafio ao Ancião. Atordoado com o próprio ato, ele sentiu os pêlos de suas orelhas se eriçarem. Era muito raro que filhos-da-noite ferissem uns aos outros. No entanto, ele se viu forçado a responder com um miado tão agudo quanto os dos inimigos.

Olhar Suave e Pele Sedosa geraram guinchos inarticulados e imploraram na fala-do-espírito que seus irmãos-maridos parassem de lutar uns com os outros.

Presos a um pânico absoluto, os vidas-curtas começaram a balir e choramingar. Alguns caíram de joelhos, clamando sua guerra antes que os alicerces do mundo viessem abaixo sob sua ira. Outros ainda prostraram-se de bruços, fechando os olhos e tapando os ouvidos, debatendo-se e murmurando palavras ininteligíveis.

Garras em riste e caninos à mostra, assobiando e miando enfezados, procuravam uma brecha na defesa do oponente.

Alheios às súplicas dos vidas-curtas, os caçadores pousaram o ferido deitado sobre o piso de adobe.

A hemorragia que encharcava de sangue o peito de Garras Afiadas já começava a estancar. Mas os cinco talhos gêmeos foram extensos e profundos; ele ainda ficaria fora de ação por algum tempo. Fosse dia claro e ele talvez tivesse sucumbido como um vida-curta.

Os outros quatro filhos-da-noite rodearam o Ancião com os olhos chispando vermelhos de raiva. Miaram improperios furiosos.

"Espírito senil! Podia ter regressado nosso irmão..." O ódio de Nariz Empinado ribombou dentro da cabeça do Ancião.

"Não seja idiota! Bem sabe que não é desse jeito que se obriga um filho-da-noite a regressar ao Mundo Elevado. Em menos de uma noite, esse abusado estará restabelecido."

Os quatro continuavam circulando em torno do Ancião. Garras em riste e caninos à mostra. Assobiando e miando enfezados, procuravam uma brecha na defesa do oponente.

Nariz Empinado tomou a iniciativa. Avançou de mãos abertas, pronto para cerrar as garras no pescoço do Ancião.

Este se agachou e o atacante abraçou o vazio. Antes que pudesse se recuperar da surpresa, Nariz Empinado foi atingido por uma estocada brutal na barriga, que lhe expôs parte dos intestinos.

Orelhas Pontudas aproveitou a oportunidade. Ao sentir o Ancião ocupado no contra-ataque a Nariz Empinado, golpeou-o nas costas, abrindo quatro sulcos profundos de cima a baixo.

O urro cavo do Ancião ecoou na colina próxima, expressando mais raiva do que dor.

Irritado, ele girou o corpo e fustigou o adversário com força e precisão. Conseguiu abrir lanhos fundos no peito de Orelhas Pontudas. Este saltou para trás, emitindo um uivo lancinante.

Quando tornou a girar para desferir novo ataque, o Ancião teve seu antebraço esquerdo agarrado por Nariz Empinado. Antes que pudesse reagir, Dedos Grossos cerrou as duas mãos sobre seu braço direito.

O Ancião ergueu os braços acima da cabeça e deu um grande salto para frente, numa tentativa desesperada de se desvencilhar. Os adversários se aferraram a ele e foram arrancados do solo pelo salto do Ancião. Antes de aterram de novo, o Ancião chutou o estômago de Dedos Grossos. Este conseguiu se esquivar a tempo, evitando que as garras do pé do inimigo lhe rasgassem o abdome.

De volta ao solo, o Ancião recuperou o equilíbrio e uma vez mais reagiu antes dos adversários. Com uma cambalhota inesperada, forçou-os a soltá-lo. Pagou um preço bem alto pela liberdade. As garras dos oponentes cortaram sua carne rija quase até o osso.

Os cinco filhos-da-noite pararam de lutar um instante para tomar fôlego e aplicar a vontade para estancar as hemorragias. Resfolegantes, ouviram as lamúrias chorosas e desconsoladas das companheiras em seus espíritos.

Os prantos dos vidas-curtas manifestavam-se em voz alta, embora não poucos deles estivessem paralisados em estado de choque.

O Ancião notou que sangrava abundantemente por mais de uma dúzia de ferimentos diferentes. Concentrou-se em estancar as hemorragias mais graves. Mal conseguiu erguer o braço direito. Se a luta continuasse naquele ritmo, em breve estaria incapacitado e indefeso nas garras dos inimigos.

Urgia escolher outra estratégia.

Talvez fosse o momento de lançar mão de um artifício desesperado.

Ou jamais reconduziria os pupilos sacrílegos de volta ao Caminho da Cautela.

Eles se acercaram do Ancião para encetar o ataque final.

Então ele saltou para cima e para trás, e os quatro adversários cerraram as garras no vazio.

Antes que pudessem reagir, o Ancião tornou a saltar, desta vez para frente, colocando-se momentaneamente fora do alcance dos oponentes.

Dedos Grossos saltou para perto de um dos guerreiros que jaziam prostrados de bruços. O vida-curta balbuciava uma oração incoerente, implorando para que a luta dos deuses não fizesse o céu desabar, ruindo sobre o mundo.

Com um gesto brusco da mão enorme, Dedos Grossos arrancou o grande machado de bronze do cinturão do guerreiro.

Ergueu a lâmina brilhante sob a luz dos archotes, brandindo-a na direção daquele que o ensinara as artes e a conduta dos caçadores.

"Hora de regressar, Anciã!" rugiu na mente do filho-da-noite mais antigo. "Já permaneceu tempo demais no Mundo Mortal. Vou te mandar para junto do teu querido Inominado!"

O Anciã se agachou bem na hora em que Dedos Grossos girou o machado sobre sua cabeça.

A lâmina zuniu centímetros acima da pelagem sedosa do crânio do Anciã.

Antes que o atacante conseguisse recuperar o equilíbrio, o Anciã girou a perna com as garras do pé distendidas, tentando seccionar o tendão-de-aquiles do outro.

O golpe atingiu a perna de Dedos Grossos, derubando-o.

O Anciã emitiu um miado agudo de frustração. Não obstante o sangue que jorrava do calcanhar do oponente, seu tendão permanecia intato.

Dedos Grossos ergueu-se, mancando um pouco, e levantou o machado, preparando-se para desferir novo ataque.

Os outros filhos-da-noite observavam a luta estáticos. Sabiam que com a lâmina afiada e um pouco de sorte e perícia, Dedos Grossos poderia obrigar o Anciã a regressar para o Mundo Elevado.

Fora o próprio Anciã que os ensinara. Nem o filho-da-noite mais antigo e poderoso seria capaz de sobreviver incólume, caso permitisse que alguém arrancasse sua cabeça de cima dos ombros.

A lâmina girou mais uma vez. Tão rápido que os poucos vidas-curtas que ousaram levantar os olhos não conseguiram enxergá-la, exceto como o vulto que formava um semicírculo fechado cor de bronze, uma mancha longa e curva que voava rumo ao deus recém-chegado.

O Anciã saltou para trás no último instante. A lâmina chegou a roçar seu pescoço. Conseguiu evitar o regresso num átimo.

Tocou a mão no pescoço ferido e sentiu a palma molhada de sangue. O talho fora superficial. Desta vez.

"Filhote estúpido!" miou, saltando em direção a Dedos Grossos, antes que esse recuperasse o equilíbrio de novo.

Agarrou o cabo do machado e girou o braço com violência.

Dedos Grossos esforçou-se para reter a pega da arma. O cabo de madeira vergou e se partiu. O filho-da-noite mais jovem deu-se por si caído no chão, com o toco do cabo ainda agarrado em ambas as mãos.

Sobre si, o vulto veloz, impossivelmente rápido, do Anciã brandindo a lâmina do machado. Ainda teve o vislumbre dos olhos do caçador mais antigo fulgindo de ódio. O braço forte erguido. O brilho das chamas na lâmina...

"Não!" os filhos-da-noite gritaram na fala-do-espírito.

Tarde demais.

A lâmina desceu. Um raio de fogo à luz dos archotes. O sangue espirrou longe.

Olhar Suave horrorizou-se com os respingos que lhe molharam as faces. Não era o aroma inebriante do fluido vital dos vidas-curtas, mas o cheiro pungente, cuproso, do sangue de sua própria espécie.

Transidos de pavor, os prediletos entoavam uma cantilena funérea

Com a força do golpe, a cabeça decepada de Dedos Grossos rolou num arremesso macabro, até se chocar com o flanco do sacerdote mais idoso, que permanecia prostrado de bruços no solo.

"Dedos Grossos..." Olhar Suave murmurou atordoada dentro do espírito do Anciã. "Você o matou!"

"Filhos-da-noite não podem ser mortos, criança..." Ele sentiu sua ponta do vínculo tremular, ante o horror do ato que acabara de cometer. Com um vazio imenso oprimindo-lhe a alma, forçou-se a acrescentar num tom embrutecido e ausente. "...Apenas regressam mais cedo ou mais tarde para junto do Inominado."

"Era você quem deveria ter regressado, Anciã." Não havia rancor nos pensamentos vibrantes de Orelhas Pontudas. Apenas choque e pesar. Justamente por isso, soaram como uma sentença. "Já está no Mundo Mortal há muito tempo. Seus ensinamentos só nos falam do passado. Não nos prepararam para construir o futuro onde almejamos viver."

"Você destruiu todo o nosso trabalho aqui", Nariz Empinado acusou. "Levará uma geração de vidas-curtas para recuperar nosso status..."

Abatido, o Anciã se absteve de replicar. O machado escorregou de suas mãos ensangüentadas para o chão.

Transidos de pavor, os prediletos entoavam uma cantilena funérea, composta por uma só estança:

— O deus está morto. O Decapitador Alado desceu dos céus estrelados para matar nosso deus.

"Dedos Grossos... regressou?" Pele Sedosa choramingou, sacudindo a cabeça. Grossas lágrimas de sangue rolaram de seus olhos grandes e belos. Pérolas escarlates que tingiram suas bochechas já avermelhadas do excesso ingerido no início da cerimônia, antes da chegada do Anciã. "Não há meio de mantê-lo entre nós?"

"Não há mais jeito", o Anciã suspirou, sem coragem de levantar os olhos para enfrentar seus semelhantes. "Se ao menos ele fosse mais antigo, ainda poderíamos tentar reunir novamente a cabeça ao corpo e implorar que o Inominado nos escurecesse com o milagre... Já vi isto ocorrer uma vez... Mas Dedos Grossos era muito jovem. Além disso, a cabeça e o corpo dele permaneceram separados tempo demais... A chama de seu espírito decerto se extinguiu dentro do crânio."

Nariz Empinado, Orelhas Pontudas e Presas Cortantes cercaram o Anciã. Garras em riste e presas brilhando amarelas à luz tremulante dos archotes.

Só que desta vez, o oponente não esboçou reação. Permaneceu de ombros descaídos e olhos baixos.

Abominava o Caminho da Verdade. Sabia que naquela doutrina herética residia os germes capazes de conduzir a Estirpe das Grutas à perdição, tal como já ocorrera com outras estirpes do Povo Verdadeiro.

nosso Anciã. Ensinou-nos tudo o que sabemos.”

Orelhas Pontudas hesitou. Era o caçador mais antigo, com exceção de Garras Afiadas, que permanecia semi-consciente, e do próprio Anciã. Enfim, soltou um longo suspiro que soou como um dos apitos dos vidas-curtas. Um suspiro que expressou a enormidade do desamparo e da amargura que todos eles sentiam. Recolheu suas garas e baixou os braços.

Os outros dois o imitaram.

Pele Sedosa voltou-se para os guerreiros prostrados e ordenou na fala dos Mochica:

— Levantem-se do chão agora e carreguem o deus ferido até os meus aposentos. — Depois de uma pausa curta, acrescentou: — Levem dois prisioneiros bem fortes para lá. O deus meu marido precisará de muito sangue fresco para se curar mais rápido.

Orelhas Pontudas assentiu com a cabeça. Emitiu um miado que exprimia resignação e bradou suas próprias ordens:

— De pé, meus súditos mortais. Todos de pé! A guerra dos deuses terminou e o Mundo Mortal permanece tal como sempre foi.

Os vidas-curtas se ergueram do solo. Primeiro os sacerdotes. Em seguida, os guerreiros. Por fim, os outros hierarcas Mochica e os convidados escolhidos entre a elite das tribos aliadas.

— A cerimônia está encerrada — Orelhas Pontudas decretou, tentando imprimir à voz roufenha um tom gutural e solene. — Deixem o templo agora. Os deuses precisam tratar dos seus próprios assuntos e não desejam ser incomodados.

No princípio vacilantes, os vidas-curtas rumaram lentamente para a rampa de acesso que os conduziria para os pisos inferiores do templo. Respeitosos, começaram a descer em silêncio e sem olhar para trás.

O Anciã imaginou que os caçadores o fariam regressar tão logo não houvesse mais prediletos para testemunhar seus atos.

Estava enganado.

Mal os últimos convivas deixaram o topo do templo, os caçadores deram meia-volta e partiram sem se despedir daquele que os ensinara.

As duas sedentas ainda permaneceram alguns instantes junto ao Anciã.

Do alto da rampa, os caçadores assobiaram chamando suas irmãs-esposas.

Elas deram um passo em direção à rampa. Então pararam e se voltaram de novo para o Anciã.

Olhar Suave estendeu a mão para ele.

“Olhar Suave, Pele Sedosa, ainda há tempo para corrigir nossos erros”, o Anciã suspirou em seus espíritos, tão fraco que os caçadores não puderam captá-lo. “Falem com Lábios Gotejantes e Aroma das Trevas. Precisamos voltar para as Grutas Ancestrais...”

Os caçadores chamaram-nas de novo. Assobios mais estridentes desta vez.

As duas suspiraram. Olhando para o chão, voltaram as costas ao Anciã e rumaram para a rampa.

Ele aguardou três noites, até que elas viessem até o sítio

do vilarejo Mochica onde ele se ocultava, tanto da curiosidade dos prediletos, quanto da ira de seus semelhantes.

Enquanto as esperava, seu organismo se curou dos numerosos ferimentos sofridos na batalha travada na cerimônia do templo.

Aproveitou a convalescença para convocar as sedentas à sua presença.

Foi cauteloso ao contatá-las. Como mestre consumado na arte do vínculo individual, tocou o espírito de uma sedenta por vez, pois não desejava estender o diálogo mental a ponto deste ser escutado pelos caçadores. Fê-las jurar segredo sobre o encontro combinado. Embora relutantes, elas acabaram aquiescendo. Também não queriam mais que seus irmãos-maridos lutassem entre si.

Só quando adquiriu certeza de que elas viriam a seu encontro, o Anciã ousou sair do esconderijo para caçar. Bebeu de muitas e muitas presas. Encheu-se com o sangue dos prediletos, muito além da saciedade.

Até que as sedentas chegassem, lutou consigo mesmo para manter sob controle a euforia que ameaçava dominá-lo.

Ao se deparar com seu irmão-marido mais antigo naquele estado em plena luz que coava do céu estrelado, Aroma das Trevas, a mais experiente das quatro, não conseguiu conter a surpresa:

“Meu amado! Nunca te havia visto com o rosto tão quente e vermelho!” Ela abriu o sorriso meigo, de dentes pequenos e pontiagudos, que antecipava o prazer da partilha. As presas retráteis, menores que as de um caçador, emergiram de seus alvéolos intumescidos. “Quanto sangue tomaste dos vidas-curtas?”

“O bastante para me derrubar, caso recusem minha dádiva. O suficiente para saciar minhas amadas, caso eu seja aceito.”

“Como recusar o sangue que com tanto carinho guardaste para nós, meu querido”, Pele Sedosa replicou, os olhos ardendo de desejo.

Satisfeito, o Anciã aspirou o perfume saboroso das secreções femininas das sedentas ansiosas. Estimou que as quatro estivessem liberando ferormônios em quantidade suficiente para fazer um punhado de caçadores egoístas regurgitar todo o sangue que elas ansiavam.

“Esta é a Partilha Ritual. Nossa cerimônia mais doce e sagrada”, o Anciã enunciou num tom formal vacilante, com aquilo que lhe restava de sobriedade. “Através dela, os laços rompidos são reatados. Pela Partilha, maridos e esposas tornam-se uma só vontade. Concluída a Partilha, minhas irmãs-esposas me seguirão. E juntos retornaremos às Grutas Ancestrais.”

“Se for capaz de nos alimentar e possuir como rezam as tradições, nós te seguiremos para onde quiserdes nos conduzir, ó irmão-marido mais sábio”, Olhar Suave anuiu, num rasgo de atrevimento que surpreendeu o Anciã.

“Nutrir todas nós.” O riso de Lábios Gotejantes soou positivamente lúbrico no espírito do Anciã. “E amar nós todas. Se restar uma de nós insaciada, nenhuma de nós seguirá contigo para as Grutas.”

“De acordo.” Ele sorriu dentro dos espíritos das sedentas.

Elas começaram a cantar e dançar ao seu redor.
E a Partilha Ritual teve início.

Sonolentas e satisfeitas, as sedentas fizeram questão de descansar após o término da Partilha.

O Ancião não as decepcionara. Sentiam-se bem nutridas e saciadas.

No entanto, ele não as deixou repousar.

"Mas a Mãe-Noite está prestes a recolher seu manto protetor" Aroma das Trevas reclamou num tom lânguido e preguiçoso. "Não podemos iniciar a viagem sob o fulgor dos raios do sol. Decerto seríamos avistadas pelas vidas-curtas."

"Não importa que nos vejam. Após a batalha do templo, não ousarão importunar-nos", ele replicou, paciente, mas inflexível. "O importante é que partamos sem demora e que abramos uma dianteira considerável, enquanto nossos irmãos estiverem dormindo."

"Voltaremos contigo como prometemos" Pele Sedosa declarou. "Mas precisamos repousar um bocado. A Partilha e os copiosos favores que nos concedeste deixou-nos extenuadas."

"Talvez nosso irmão-marido esteja certo" Aroma das Trevas reconheceu com um mio amuado. "Se esperarmos até a próxima noite, é provável que ocorram mais lutas e até regressos involuntários."

Algo contrariadas, as sedentas puseram-se de pé. Estabeleceram o vínculo para convocar as três crias nascidas no Vale do Moche. Quando os filhotes se reuniram às sedentas, elas partiram, seguindo o Ancião.

Com apenas duas estações, a cria mais jovem era praticamente um recém-nascido. Aroma das Trevas levou-a em seu colo, nutrindo-a com o sangue materno que saía de seus seios tímidos.

Caminharam sem descanso. De noite e durante o dia. Só paravam para que o Ancião pudesse beber dos prediletos. As cerimônias de partilha foram bastante abreviadas. O Ancião sempre forçava suas irmãs-esposas a marchar rumo ao sul, bem antes de tê-las nutrido até a saciedade. Os ritos do amor foram deixados de lado.

Em poucos dias estavam de volta às trevas da comunidade das Grutas.

As sedentas desgarradas foram saudadas por dezenas de caçadores sequiosos, que não se furtaram à oportunidade de expressar suas saudades, concedendo-lhes as carícias que elas tanto ansiavam e compartilhando com elas o sangue tomado em abundância dos vidas-curtas.

As três crias foram batizadas, recebendo seus nomes eternos no aposento mais profundo e escuro do Complexo das Grutas.

Os filhos-da-noite lamentaram o regresso intempestivo do jovem caçador Dedos Grossos ao Mundo Elevado. Rogaram ao Inominado para que perdoasse seus erros e o recebesse com as presas embainhadas.

E tudo voltou a ser como antes.

Os quatro caçadores ainda permaneceram alguns anos no Vale do Moche, antes de enfim decidirem retornar à região das Grutas Ancestrais.

E não poderia ser de outro modo.

Afinal, como poderiam se manter junto aos Mochica, sem o aroma de suas sedentas?

De que lhes valeria o poder imanente da divindade, sem os afagos e o carinho de suas amadas irmãs-esposas?

Por isto, numa noite estrelada de inverno, resolveram voltar para as Grutas. Submissos, prepararam-se para receber a punição merecida e para abjurar o Caminho da Verdade.

O Ancião previu que eles viriam. Preparou os espíritos dos caçadores e sedentas da Estirpe das Grutas para receber seus irmãos arrependidos.

Não houve reprimendas.

Os quatro caçadores foram acolhidos sem ressentimentos, reintegrando-se em poucas estações à rotina imutável das Grutas.

Com o passar dos séculos, o Caminho da Verdade tornou-se pouco mais do que uma lenda. Uma história que os caçadores mais experientes contavam aos mais jovens, quando voltavam de uma incursão numa aldeia de pescadores, satisfeitos e repletos de sangue, ansiosos pelas danças e cantigas, e sobretudo pelos cheiros de suas sedentas.

Os vidas-curtas do Reino dos Mochica também recordaram a história dos deuses guerreiros bebedores-de-sangue.

Após a súbita partida dos deuses, os sacerdotes desalentados mandaram erigir um novo andar sobre o antigo topo do templo, cobrindo inteiramente o piso onde a guerra dos deuses se desenrolara.

Não esqueceram, no entanto, seus rituais.

Enquanto houve uma cultura Mochica no litoral norte do Peru, o ritual sagrado da ingestão do sangue dos inimigos capturados foi mantido pelos reis-sacerdotes Mochica, tendo constituído prática bem aceita pela elite do Vale do Moche, até o tempo do Grande Reino Chimor. Só quando os Incas desceram as cordilheiras como uma maré avassaladora para conquistar os Chimu, o ritual da ingestão de sangue foi definitivamente abolido do litoral norte.

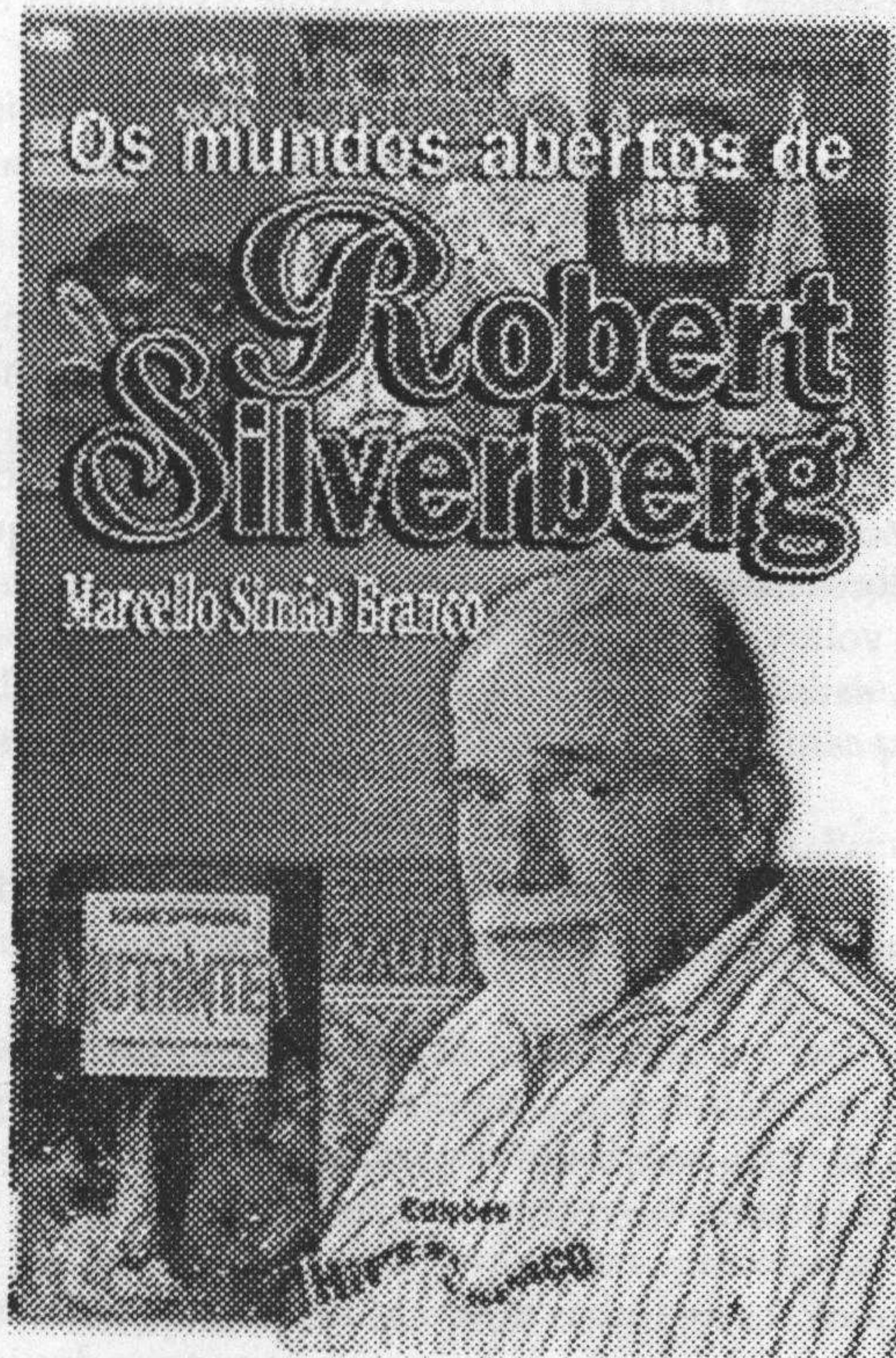
Segundo as crônicas dos Incas, a divindade principal do panteão Mochica era o Decapitador Alado, que eles acreditavam capaz de descer do céu noturno com um grande salto, para se bater em luta mortal contra os outros deuses. Dizia-se que por vezes o Decapitador Alado tirava a vida de um deus menor, arrancando sua cabeça divina e arremessando-a, bem como a seus corpos decapitados, do alto do rochedo do templo que representava a Montanha Sagrada. A tradição do Decapitador Alado já se encontrada bem estabelecida nos rituais realizados nas cerimônias do Santuário da Lua meio milênio antes da chegada dos Incas ao Vale do Moche.

Além de terem seu sangue tomado pelos reis-sacerdotes, uma vez decapitados, os cadáveres dos prisioneiros dos Mochica costumavam ser lançados do topo do templo central do Santuário, espatifando-se desconjuntados na praça abaixo.

Ao menos, isto é o que indicam a análise da bela porcelana Mochica e o exame dos fósseis arqueológicos dos esqueletos das vítimas sacrificadas.

— Gerson Lodi-Ribeiro, setembro de 2002.

LANÇAMENTO



EM 11 DE SETEMBRO DE 2004 FOI LANÇADO NO ESPAÇO DOS ESCRITORES DA BIBLIOTECA DE SANTO ANDRÉ, O LIVRO DAS EDIÇÕES HIPERESPAÇO OS MUNDOS ABERTOS DE ROBERT SILVERBERG, DO SÓCIO DO CLFC MARCELLO SIMÃO BRANCO. TRATA-SE DE UM DOS PRIMEIROS ENSAIOS ESCRITOS NO BRASIL, SOBRE UM IMPORTANTE AUTOR INTERNACIONAL DE FICÇÃO CIENTÍFICA. O LIVRO JÁ CHAMOU A ATENÇÃO DO PRÓPRIO ROBERT SILVERBERG.

COMBINANDO CRÍTICA LITERÁRIA E REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA (NO QUE CONTOU COM A COLABORAÇÃO DO FUNDADOR DO CLFC, R. C. NASCIMENTO), LISTA TODAS AS OBRAS DE SILVERBERG DISPONÍVEIS EM PORTUGUÊS. O EDITOR CESAR R. T. SILVA, TAMBÉM SÓCIO DO CLUBE, INFORMA QUE APENAS 50 VOLUMES DESSA EDIÇÃO PIONEIRA FORAM IMPRESSOS, E QUE OS MUNDOS ABERTOS DE ROBERT SILVERBERG PODE SER ADQUIRIDO COM ELE ATRAVÉS DE CONTATO POR E-MAIL EM CERITO@TERRA.COM.BR, POR R\$ 12,00.